UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Josiane da Silva

MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO: PERCEPÇÕES DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM URBANA NO MUNICÍPIO DE VERA CRUZ/RS.

Santa Cruz do Sul
2020

Josiane da Silva

MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO: PERCEPÇÕES DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM URBANA NO MUNICÍPIO DE VERA CRUZ/RS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração Desenvolvimento Regional e Linha de Pesquisa Território, Planejamento e Sustentabilidade, na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.
Orientadora: Profª. Drª. Grazielle Betina Brandt

Santa Cruz do Sul

2020

Josiane da Silva

MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO: PERCEPÇÕES DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM URBANA NO MUNICÍPIO DE VERA CRUZ/RS.

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado. Área de concentração em Desenvolvimento Regional. Linha de Pesquisa Território, Planejamento e Sustentabilidade, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Drª Grazielle Betina Brandt

Professora Orientadora – PPGDR/UNISC

Dr. Rogério Lima Silveira

Professor Examinador – PPGDR/UNISC

Dr. Tiago Costa Martins

Professor Examinador – UNIPAMPA

Santa Cruz do Sul

2020

AGRADECIMENTOS

Eis que é chegado o momento de agradecer. Quero agradecer aqui a todos que estiveram ao meu lado nessa jornada e contribuíram para que ela fosse possível.

Com certeza à minha família, a qual sempre esteve ao meu lado quando eu precisei. A meu pai e minha mãe, José e Tania, agradeço imensamente por todo apoio em toda caminhada a qual já percorri. A meu irmão, Alex, pela ajuda e parceria. A meu namorado Rafael, agradeço a todo incentivo para o estudo e a compreensão pelos momentos de ausência. A minha querida prima, amiga e chefe, Elisangela, toda gratidão pelo incentivo e dispensa do serviço nos dias de aula, foste fundamental neste percurso.

É preciso reconhecer toda a dedicação e empenho de minha orientadora Grazielle Betina Brandt que não mediu esforços para que esta pesquisa fosse realizada da melhor forma possível. Não posso deixar de citar aqui também, a professora que por muitas vezes contribuiu e muito comigo, Ana Flávia Marques, muito obrigada pela paciência.

Aos demais professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, o meu muito obrigada pelo conhecimento ao qual se dispuseram em compartilhar, e aos bons momentos que passamos juntos.

Aos meus estimados colegas da turma de 2018, o meu sincero agradecimento pela parceria e amizade que construímos juntos. Acredito que foi a combinação multidisciplinar perfeita para que ampliássemos nossos horizontes.

Aos entrevistados, preciso dizer que sem os relatos de vocês, este trabalho não seria o mesmo. Agradeço profundamente pela disponibilidade e atenção com a qual me receberam e se prontificaram a contribuir com este estudo. As demais pessoas que contribuíram com documentos, fotografias, informações, minha eterna gratidão.

Por fim, mas não menos importantes agradeço aos meus amigos de longa data que fazem parte da minha vida e compreenderam a minha ausência pois sabiam que seria por um bom motivo.

RESUMO

A presente dissertação analisou as principais transformações da paisagem urbana na área central do município de Vera Cruz/RS a partir do relato e da memória de diferentes agentes. Ao utilizar registros fotográficos, documentos históricos e entrevistas semiestruturadas, buscamos observar as principais transformações da paisagem urbana ocorridas desde a sua emancipação, ocorrida em 1959, até o período recente de 2019. Essas transformações dizem respeito a a paisagem urbana, e a importância do patrimônio histórico e cultural, como as edificações residenciais, comerciais, administrativas, de uso religioso e cultural. Este patrimônio não estava inventariado ou protegido por lei municipal, estadual ou federal. Consideramos neste estudo como patrimônio histórico e cultural não somente o tempo de existência das edificações como fator principal, mas o contexto no qual estão/estavam inseridas, bem como a relação dessas edificações com a memória de seus habitantes. A metodologia utilizada foi o método materialista histórico dialético, tendo sido analisadas as categorias da historicidade e da contradição. A representação do passado, percebida nos relatos, tem sido constituída em meio a disputas pelo sentido histórico e social das transformações pelas quais o município vem passando nas últimas décadas. As percepções do distintos residentes e agentes acerca da preservação e/ou restauração do patrimônio histórico construído, bem como a percepção dos agentes a respeito das transformações da paisagem urbana na área central do município são tensionados pelas antimonias espaço-temporais da força do capital, que altera também o curso da história local.

Palavras-chave: Transformações da paisagem urbana. Agentes. Memória. Desenvolvimento. Vera Cruz.

ABSTRACT

This dissertation analyzed the main transformations of the urban landscape in the central area of the municipality of Vera Cruz / RS from the report and the memory of different agents. Using photographic records, historical documents and semi-structured interviews, we seek to observe the main transformations of the urban landscape that occurred since its emancipation, which occurred in 1959, until the recent period of 2019. These transformations relate to the urban landscape, and the importance of historical heritage and cultural, such as residential, commercial, administrative, religious and cultural buildings. This patrimony was not inventoried or protected by municipal, state or federal law. In this study, we consider as historical and cultural heritage not only the time of existence of the buildings as the main factor, but the context in which they are / were inserted, as well as the relationship of these buildings with the memory of their inhabitants. The methodology used was the dialectical materialistic historical method, having analyzed the categories of historicity and contradiction. The representation of the past, perceived in the reports, has been constituted amid disputes over the historical and social sense of the transformations that the municipality has been going through in the last decades.

The perceptions of different residents and agents about the preservation and/or restoration of the built historical heritage, as well as the perception of the agents regarding the transformations of the urban landscape in the central area of the municipality are tensioned by the space-time antimonies of the capital's strength, which alters also the course of local history.

Keywords: Transformations of the urban landscape. Agents. Memory. Development. Vera Cruz.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Estado do Rio Grande do Sul 18
Figura 2 - Mapa do Município de Vera Cruz 48
Figura 3 - Mapa da zona urbana de Vera Cruz 49
Figura 4 - Plano Diretor de Vera Cruz 50
Figura 5 - PIB per capita do município de Vera Cruz 52
Figura 6 - Índice de empresas atuantes no município de Vera Cruz 54
Figura 7 - Lista das maiores empresas de Vera Cruz 55
Figura 8 - Galeto Kurtz 57
Figura 9 - Galeto Kurtz 58
Figura 10 - Prédio nos dias de hoje, onde era o Galeto Kurtz 59
Figura 11 - Fábrica de Bebidas Celina 60
Figura 12 - Empresa Cia Lopes Sá Industrial de Fumos 61
Figura 13 - Hospital de Vera Cruz 62
Figura 14 - Hospital Vera Cruz nos dias de hoje 62
Figura 15 - Kopp tecnologia 64
Figura 16 - Empresa Dimon 65
Figura 17 - Prédio com agência bancária e outras instalações 66
Figura 18 - Empresa KBHC 66
Figura 19 - Foto aérea da área central do município de Vera Cruz 68
Figura 20 - Casa Pastoral da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Vera Cruz 71
Figura 21 - No local que era a Casa Pastoral Evangélica, agora salas comerciais 72
Figura 22 - Rua Cláudio Manoel nos primeiros anos de Vera Cruz 73
Figura 23 - Rua Cláudio Manoel ainda com o prédio histórico de 1925 74
Figura 24 - Rua Cláudio Manoel sem o prédio histórico de 1925 75
Figura 25 - Salão Brandt 76
Figura 26 - Mercado Back 77
Figura 27 - Esquina em frente a prefeitura 78
Figura 28 - Esquina em frente a Prefeitura atualmente 79
Figura 29 - Casa Assmannn 80

Figura 30 - Esquina que abrigava a Casa Assmann 82
Figura 31 - Casa de Cultura 83
Figura 32 - Casa de Cultura sendo restaurada 84
Figura 33 - Uma das casas que permanecem na área central de Vera Cruz 85
Figura 34 - Loja Albers 94
Figura 35 - Loja Albers atualmente 94
Figura 36 - Praça José Bonifácio 95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Empregos formais por setor no município de Vera Cruz.....52
Quadro 2: Empregos formais por subsetor em Vera Cruz no ano de 2016...53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

1.1 METODOLOGIA 15

2. A (RE)PRODUÇÃO DAS CIDADES 23

2.1 A produção do espaço urbano 23

2.2 Urbanização, agentes urbanos e transformações urbanas 26

3 MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO URBANO 35

3.1 A memória social e a cidade 35

3.2 Memória social e desenvolvimento: que desenvolvimento? Para quem? 39

4 AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO MUNICÍPIO DE VERA CRUZ 47

4.1 Características sociais e econômicas no município de Vera Cruz 47

4.2 Entre relatos e memórias: as transformações urbanas na área central do município de Vera Cruz 56

4.3 A paisagem urbana construída: campo de forças entre identidade, desenvolvimento e memória 91

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 104

REFERÊNCIAS 107

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação apresenta uma análise das transformações da paisagem urbana na área central do município de Vera Cruz/RS, por meio da memória dos diferentes agentes urbanos. A partir de registros fotográficos, documentos históricos e entrevistas semiestruturadas, buscou-se observar as principais transformações da paisagem urbana a partir de sua dimensão material, do ano de 1959 (ano de emancipação do município) até 2019, expresso no conteúdo urbanístico das formas construídas, como as edificações residenciais, comerciais, administrativas, de uso religioso, cultural, etc., patrimônio este que não está inventariado ou protegido por lei municipal, estadual ou federal.

O Patrimônio cultural engloba um conjunto de bens materiais e imateriais que possuem valor/importância para determinado grupo. É considerado uma herança do passado que está imbricada no espaço de vida das sociedades contemporâneas e tem em suas distintas formas o patrimônio arquitetônico ou edificado, que será o objeto de estudo deste trabalho. (VOGT, 2008)

Consideramos neste estudo como patrimônio histórico e cultural não somente o tempo de existência das edificações, como fator principal, mas o contexto no qual estão/estavam inseridas, bem como a relação dessas edificações com os seus habitantes e a função que estas edificações desempenhavam. O recorte de análise da pesquisa considera o patrimônio enquanto particularidade local/regional, promovendo olhares distintos, usos diferenciados, e influenciando nos entornos imediato e não imediato.

No Brasil, país composto por múltiplas etnias, percebemos traços fortes da influência cultural dos mais diversos lugares do mundo, o que contribui para a diversidade cultural que caracteriza o país. Estes povos deixaram seus costumes, hábitos e crenças estampados nas paisagens dos locais por onde passaram, e com facilidade podemos perceber as marcas de distintas formas de apropriação a partir da cultura e da paisagem construída de determinada região.

Esses aspectos culturais estabelecem a ligação com o passado e a história e constituem os valores e a identidade[1] presentes em uma região. O desenho urbano, bem como o patrimônio arquitetônico, apresentam características particulares à região, contribuindo para a manutenção da memória e da identidade local/regional. Deste modo, o patrimônio cultural que marca a paisagem urbana construída pode ser considerado um elo entre o passado e o presente, um atributo de identidade e resistência às forças homogeneizantes da globalização.

As formas urbanas, devido à constante pressão territorializadora do capital, acabam sofrendo transformações constantes, o que gera uma sensação crescente de impermanência, fluidez e não-pertencimento, devido à ausência de marcos culturais visíveis.

Neste sentido, os registros históricos na forma de documentos – marcos legais, descrições históricas, literárias e fotografias - são capazes de fornecer referências possíveis de contar ou recontar a história de uma sociedade a partir das suas transformações.

A paisagem constitui a materialização mais imediata da vida social e da produção de sentidos e identidades socioespaciais. Deste modo, analisar suas transformações ao longo do tempo permite contextualizar historicamente as formas como o território e as territorialidades foram construídos, desconstruídos e reconstruídos, bem como compreender as principais condicionantes deste processo.

O conceito de paisagem cultural remete à Geografia, área do conhecimento que, ao longo do tempo, mais se deteve sobre o conceito de paisagem, buscando compreender como se dá o processo de construção da interação entre o homem e os elementos naturais. Esse conceito é uma das formas pela qual os geógrafos têm incorporado a dimensão cultural nos seus estudos, com abordagens distintas que, por um lado, propõe o estudo da paisagem em suas formas materiais, investigando como a cultura humana, analisada através de seus artefatos materiais, transforma essa paisagem; por

---

[1] Os conceitos de identidade que serão priorizados aqui são aqueles propostos por Manuel Castells (2008), uma vez que atendem às necessidades de análise da pesquisa. Outros conceitos que contribuíram no desenvolvimento do estudo são os propostos por Stuart Hall (2006), Kathryn Woodward (2004) e Zygmunt Bauman (2005).

outro, destacam a subjetividade na pesquisa geográfica, analisando os aspectos simbólicos da paisagem (RIBEIRO, 2007).

As transformações urbanas, não se constituem em um processo natural, visto que se realizam através das relações sociais de produção e, devido às dinâmicas impostas, podem contribuir para a degradação do conjunto de memórias e valores, individuais e coletivos, fragmentando os sentidos compartilhados entre os membros de uma coletividade. As alterações no espaço de vida promovem a perda de registros da memória coletiva, aquela que une passado e presente, gerando ou não a sensação de pertencimento a um tempo, um território e uma sociedade.

Deste modo, compreende-se que o desenvolvimento não possui apenas uma dimensão econômica, mas contempla também as esferas histórico/cultural e socioambiental, por meio das quais se constroem, os laços de identidade e pertencimento, sendo a memória o fator de aglutinação desses elementos. É por meio da memória dos elementos que constituem a paisagem de seu entorno que as sociedades se identificam e que as identidades territoriais são construídas.

Conforme Souza (2014), a memória, sendo uma construção discursiva, faz com que o indivíduo tenha consigo uma infinidade de experiências e significados, que pode constantemente ser alterada e constituir um novo eu. A memória pode ser tanto um aprendizado como um acontecimento, uma representação, um conjunto de elementos associados que possibilitam a constituição da identidade de um indivíduo.

Neste sentido, patrimônio, paisagem e memória formam uma tríade complexa de análise, que permite uma aproximação sob a perspectiva do desenvolvimento regional, sobre o modo como um determinado território é ou não afetado pelas transformações ocorridas em sua paisagem, uma vez que o patrimônio histórico pode ser depreciado por interesses do capital.

A ação do capital sobre os territórios, na forma da iniciativa imobiliária e demais movimentos, des-territorializa e re-territorializa, promovendo uma fluidez contínua que não comporta o simbolismo cultural, o qual é aglutinante das particularidades que conformam as regiões e suas identidades. A história, a cultura e seus marcos, permitem que as regiões e as cidades existam como territórios únicos e não se atomizem no espaço-mundo globalizado. Entretanto,

essa relação entre capital imobiliário e território se mostra bem complexa, visto que, nem sempre ela destrói as formas construídas, mas promove a restauração e preservação das formas, alterando os usos e funções para as novas demandas econômicas.

As transformações na paisagem urbana podem ser apreendidas de distintas maneiras, entre as quais, a fotografia e os documentos históricos que descrevem a cidade e as intervenções urbanas, na forma de leis e marcos regulatórios, ou ainda, por meio da literatura[2]e outros registros de cunho cultural.

Deste modo, compreender o contexto no qual ocorrem as transformações da paisagem urbana na área central urbana do município de Vera Cruz/RS pode elucidar um conjunto de relações - entre a sociedade e o espaço urbano - que marcam a conformação do território, podendo contribuir para melhor compreender como se dá o desenvolvimento urbano de Vera Cruz.

A particularidade da pesquisa proposta para a área central do município de Vera Cruz -RS, estende-se para além da perspectiva empírica, uma vez que não existem estudos semelhantes para o município. A pesquisa propõe avanços no sentido que se utilizou de fotografias e relatos, apresentando as transformações da paisagem urbanas que se relacionam com a paisagem histórica e cultural do município, a partir da memória de seus habitantes.

Nesse contexto, o presente estudo procura responder a seguinte problemática: como têm ocorrido as principais transformações da paisagem urbana na área central de Vera Cruz/RS e quais seus reflexos na relação entre memória e desenvolvimento?

Para atender a esta problemática foram estabelecidos objetivos. Sendo assim, o objetivo geral foi definido: analisar como têm ocorrido as principais transformações urbanas na área central de Vera Cruz/RS e seus reflexos na relação entre memória e desenvolvimento. A pesquisa foi construída a partir da (i) análise das transformações econômicas e sociais que constituem o município de Vera Cruz, identificando os seus principais condicionantes e variáveis; (ii) identificar os principais agentes sociais que territorializam e reterritorializam a

---

[2] Na presente pesquisa, uma das obras literárias de produção local a ser analisada será: Vera Cruz: Tempo, Terra e Gente, de Celeste Dummer et. al., publicado em 2009.

paisagem urbana construída; (iii) analisar a percepção de residentes e agentes sociais sobre as transformações urbanas que ocorrem no município.

A dissertação está estruturada apresentando as seguintes seções: introdução, onde os principais objetivos e a metodologia são explicitados. O segundo capítulo que aborda a (re)invenção das cidades e seus dois subcapítulos, sendo a produção do espaço urbano e urbanização, agentes urbanos e transformações urbanas. O terceiro capítulo aborda sobre memória e desenvolvimento urbano, trazendo em seus dois subcapítulos um olhar sobre a memória social da cidade e memória social e sua relação com o desenvolvimento. Já o quarto capítulo trata sobre as transformações urbanas no município de Vera Cruz, abordando em seus subcapítulos as características e especificidades sociais e econômicas no município de Vera Cruz e os relatos e memórias de seus residentes e agentes que promovem o desenvolvimento urbano. Por fim trazemos as considerações finais bem como as referências utilizadas neste trabalho.

1.1 METODOLOGIA

A importância da escolha do método de abordagem no delineamento da pesquisa é de grande importância para o desenvolvimento de um bom trabalho. Deve atentar a visão que o pesquisador vislumbra conceber sobre determinada realidade, sobre o caminho que deseja traçar.

O método a ser abordado nesta dissertação é o materialismo histórico dialético, o qual busca analisar a realidade, o modo como a sociedade, o trabalho, a práxis, a contradição se realizam no âmbito urbano através de perspectivas históricas, políticas e sociais, compreendendo o modo como se reproduzem ideologicamente.

Assim a compreensão do homem em seu contexto social pode ser compreendida através do método de abordagem materialista histórico dialético, entendendo o indivíduo como participante e constituinte da história da sociedade e de seu respectivo espaço.

“Um método científico é um caminho para se chegar ao conhecimento de uma determinada realidade” (CORAZZA,1996). Desse modo quando

escolhemos o método de abordagem, estamos transparecendo qual a nossa visão, nosso posicionamento como pesquisador.

Embora Marx não tenha escrito muito sobre o enfoque metodológico de seus trabalhos, o método de desenvolvimento do capital e da teoria marxista como um todo é o materialismo dialético. É na unidade dos contrários (capital e trabalho) que se desvendam as relações de produção capitalistas. Unidade no sentido de que ambos estão interligados pelas firmes amarras do processo histórico, e não num sentido de senso comum, que relacionaria capital e trabalho numa perspectiva de integração e colaboração.

No enfoque materialista histórico dialético busca-se compreender a realidade a partir das contradições presentes no seu desenvolvimento histórico. Lencione (1999), explica que o fundamento do marxismo surge do idealismo alemão, principalmente de dialética helegiana e no materialismo de Ludwig Feuerbach. Foi a partir daí então que o método materialista dialético, que foi concebido por Karl Marx e Friedrich Engels, integra os princípios da interação universal, assim como seu movimento, a unidade dos contraditórios, o desenvolvimento em espiral e a modificação da quantidade em qualidade.

É importante compreendermos que “o fundamento econômico do marxismo está assentado na crítica à economia política clássica” (Lencione, 1999, p. 159). Desse modo, apreende os aspectos da vida social como a produção, a acumulação capitalista, e é importante ressaltar ainda que foi marxismo que pontuou o proletariado industrial como um agente histórico com o poder de transformação social. (LENCIONE, 1999)

Corraza (1996) indica a desconstruirmos a visão abstrata que desenvolvemos das partes a partir da dedução da realidade, a partir de leis gerais abstratas. A discussão sobre os fatores sociais, históricos, acabam por englobar determinado objeto com uma gama imensa de significados e valores. Em termos de conhecimento se parte da contemplação dos fenômenos, abstrai das teorias e depois retorna, mas em outro patamar de conhecimento. É um processo que vai do particular para o geral e do geral para o particular. Há uma relação dialética, um progressivo que parte do passado e volta para o presente. Ajuda a realizarmos a reflexão sobre o local e o global, onde o local sempre é a

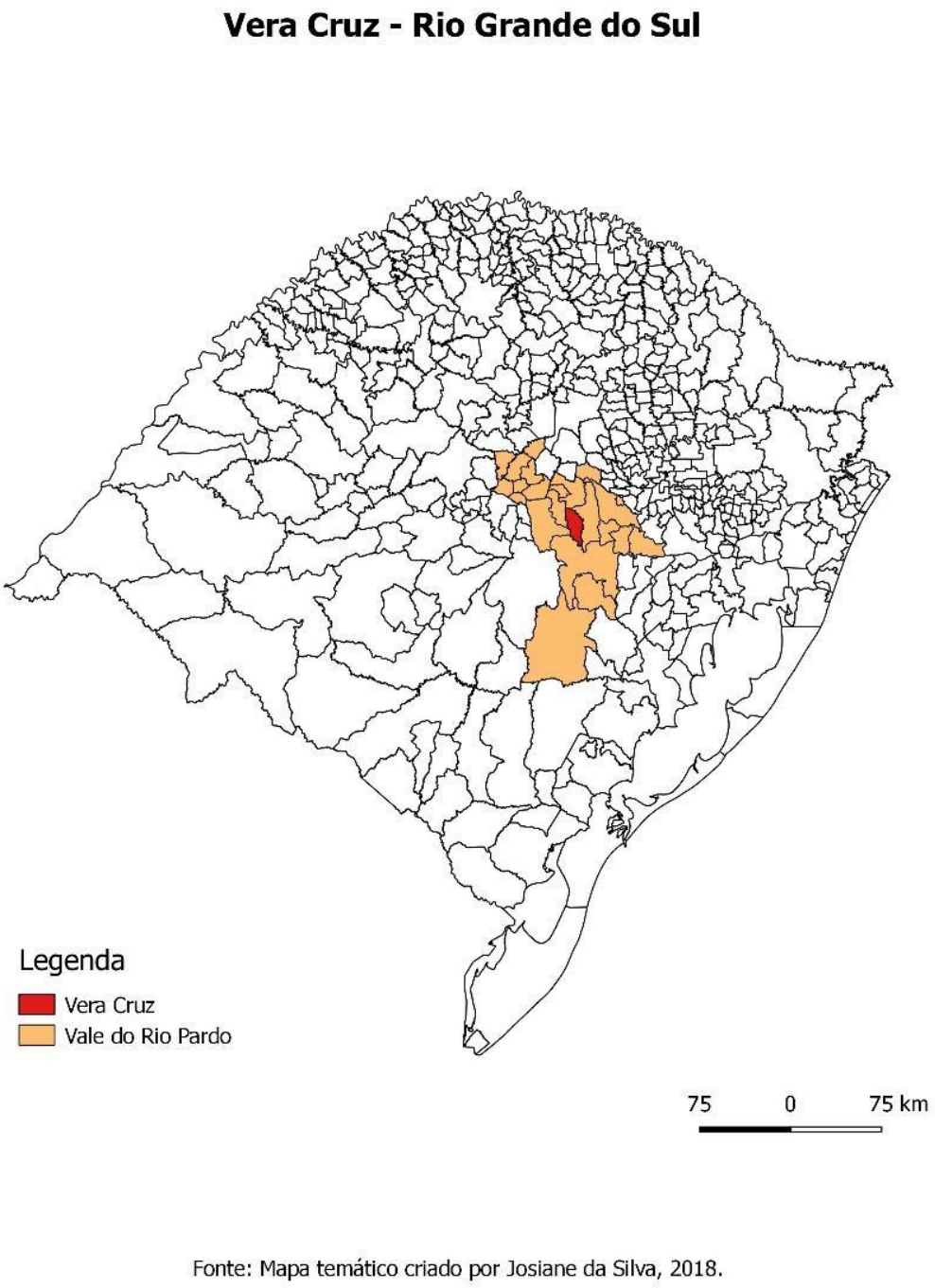
manifestação singular, mas com certeza ele carrega as características do global, mas carrega em si as suas próprias características.

O homem faz a história, mas faz sobre determinadas concepções históricas e em determinado espaço. Corazza (1996) identifica em Marx que as leituras sociais definem o que você é.

Com o intuito de compreender o modo como se organizam e o motivo que o fazem realizar contínuas mudanças no espaço, o método de abordagem escolhido (entendendo ser o mais adequado) foi o materialista histórico dialético.

O município analisado, Vera Cruz, está localizado na Região do Vale do Rio Pardo - RS, como podemos ver no mapa abaixo, e tem forte influência dos colonizadores alemães, embora tenha diversos outros povos que se fizeram presentes, como índios, negros, e lusos. Estes povos deixaram marcas que podem ser visivelmente percebidas, representadas nas edificações construídas.

Figura 1- Mapa do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Autora

Decorrentes dos processos do cotidiano nos espaços vividos, como as alterações dos recursos como capital, população, força de trabalho excedente

alterando-se e distribuindo diferentemente a cada momento histórico, (SANTOS, 2000) gradativamente ocorrem mutações nas paisagens e nos territórios no qual estamos inseridos. Essas mudanças acontecem devido a diversos fatores que influenciam a vida do homem. São modificações de valores, princípios, hábitos e relações econômicas que muitas vezes interferem na arquitetura dos espaços.

O estudo se apresenta como uma análise a partir das transformações na área central do município de Vera Cruz. A partir das transformações percebidas por residentes e agentes promotores do desenvolvimento urbano, buscou-se analisar quais as implicações concebidas e os principais condicionantes que atuam na transformação da área central do município, sendo o principal dinamizador deste processo o poder do capital.

O patrimônio arquitetônico histórico e cultural apresentado no trabalho elucidam hábitos e costumes dos moradores instalados no município, e como estes sucessivamente estão sendo alterados por novas edificações, que surgem mais padronizadas, intensamente influenciadas pelas normas do capital.

No cenário apresentado, é visível a força do capital na construção das edificações recentes - desarticulando e rearranjando - em acordo com seus interesses. HARVEY (2010, p. 207) observa que “quem define as práticas materiais, as formas e o sentidos do dinheiro, do tempo ou do espaço fixa certas regras básicas do jogo social”. Assim os espaços vão sendo moldados de acordo com os interesses dos diversos atores que participam dessa disputa de poder.

Facilmente percebida, a mudança em muitas paisagens urbanas se refere à substituição de prédios históricos por construções modernas. Para Harvey (2010) essa transformação do espaço reflete as distintas relações entre a sociedade e o modelo capitalista imposto, modelo que continua a dominar pela sua imposição superior do espaço e do tempo. A aceleração que se dá os processos econômicos reflete indiscutivelmente na vida social, mesmo que por vezes esses processos se mostrem descontínuos.

Essa relação dos diversos agentes no espaço urbano é o que torna percebível a transformação arquitetônica urbana no município de Vera Cruz. Impulsionada por um certo crescimento econômico nas últimas décadas, o município de Vera Cruz vem modificando-se constantemente, alterando assim

suas configurações demográficas e sociais. No censo de 2010 realizado pelo IBGE o município apresentava uma população de 23.983 mil habitantes, e para o ano de 2017 o IBGE já estimava um crescimento populacional de 9%, resultando assim em 26.024 mil habitantes. Em consequência deste crescimento da população, múltiplos loteamentos surgiram nos últimos anos. Devido à demanda por terrenos ou construções nas áreas centrais, por sua vez mais valorizadas que aquelas que se encontram afastadas do centro, o mercado imobiliário atua rapidamente para comprar imóveis a custos mais baixos e repassá-los por um maior valor.

Assim MASSON (2007, p. 107) completa que:

> Como o capital é contradição em movimento, não é possível compreender a sociedade na forma do capital sem um método que possibilite captar tal contradição, já que a realidade não se dá a conhecer de uma vez por todas, ou seja, está além da sua forma aparente.

Masson (2012) aborda as categorias do método dialético, sendo elas a totalidade, práxis, contradição e mediação. Ela explica que quando tratamos da categoria da totalidade não significa que precisamos apreender todos os fatos, mas um conjunto amplo de relações. A mediação por sua vez vai estabelecer conexões entre os aspectos presentes na realidade. A práxis como apresenta Masson (2012, p.5) " representa a atividade livre, criativa, por meio da qual é possível transformar o mundo humano e a si mesmo". A contradição por sua vez permite que através do ser e do pensar possibilite-se a transformações dos fenômenos. Lukács (2010) apud Masson (2012) ressalta ainda sobre a importância de se registrar a historicidade e pressupõem considerar que a historicidade constitui a essência do ser.

Certamente o método de abordagem não pode ser vestido como uma camisa de força, mas guiar o olhar do pesquisador para êxito de um bom estudo.

Ao analisar o espaço e como ele se configura, é necessário levar em conta os significados atribuídos a ele em condições refletidas no decorrer de sua formação, desde as políticas, sociais e econômicas, para poder compreender de fato as organizações que se realizam nesse espaço.

Daí a necessidade de analisar o particular para poder entender o todo numa relação dialética e de interdependência do local com o global, nesse contexto onde o patrimônio histórico arquitetônico vem cada vez mais se perdendo devido as fortes influências externas, refletindo uma nova realidade e reproduzindo espaços sem uma identificação com o território, o que também acaba por representar uma contradição.

Em relação a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um grupo de agentes e residentes do município de Vera Cruz, como moradores de prédios antigos, pessoas que vivenciaram esse processo de mudança, figuras públicas, bem como conhecedores da área do estudo. Foram realizadas 5 entrevistas no terceiro trimestre do ano de 2019. Os entrevistados foram o atual prefeito do município Guido Hoff, visto sua importância no contexto da preservação dos patrimônios públicos; o professor, especialista em gestão universitária e mestre em Desenvolvimento Regional e conhecedor da história do município, Angelo Hoff; o engenheiro e ex-secretário de obras de Vera Cruz Gilberto Frantz, compreendendo a relevância de um profissional da área da engenharia para este estudo; a advogada Heloísa Assmann, moradora de um dos patrimônios históricos que faziam parte da paisagem urbana da cidade, as residentes a mais de 50 anos no município Norma Franke que mora na área rural da cidade e tem grande engajamento com a sociedade vera-cruzense; e Maria (que foi utilizado um nome fictício para preservar sua identidade, conforme desejo da entrevistada).

Essas entrevistas foram analisadas através das categorias do método materialista histórico dialético, destacando as categorias da historicidade e contradição. Num segundo momento, após realizadas as entrevistas, que ocorreram entre os meses de setembro e dezembro de 2019, foram observadas as principais memórias e lembranças mencionadas pelos entrevistados, que nos conduziram a etapa seguinte do trabalho de pesquisa, que foi a coleta de fotografias históricas e documentais sobre os principais pontos de referência que marcaram a história do desenvolvimento urbano do município, bem como evidenciam as transformações ocorridas na área central.

Os lugares escolhidos para a coleta do acervo documental fotográfico surgem em função dos relatos e das memórias. Os principais locais que foram

mencionados pelos entrevistados e que passaram por um processo de transformação urbana, serviram como base para sabermos quais fotografias e locais utilizar para construir a relação entre memória e desenvolvimento.

Foram utilizadas fotografias de diversas fontes, como acervo municipal, jornal arauto e fotografias pessoais que nos auxiliaram na utilização das categorias do método de análise. Para caracterização do desenvolvimento urbano do município desde sua emancipação foram utilizadas fontes bibliográficas, documentais, bem como dados disponibilizados pela prefeitura municipal e consulta a diversos bancos de dados como IBGE, Observatório do Desenvolvimento Regional, Ministério do trabalho, entre outros mais.

2. A (RE)PRODUÇÃO DAS CIDADES

Neste capítulo são abordadas questões pertinentes ao espaço urbano, como sua produção, reprodução e as formas que apresentam. Para melhor compreensão, primeiramente será apresentado um breve apanhado conceitual sobre a produção do espaço urbano e os diversos aspectos que interferem diretamente na sua transformação. No segundo subcapítulo será abordado o processo de urbanização, os diferentes agentes e as principais transformações urbanas que se estabelecem recentemente no conjunto das cidades brasileiras, bem como suas repercussões.

2.1 A produção do espaço urbano

A produção do espaço se dá pelas variadas formas de interação de distintos agentes, que, impulsionados por diversos fatores, como os aspectos culturais, sociais e políticos modificam o espaço com o intuito de atender seus anseios. Assim a relação de diversos grupos sociais se transforma no cotidiano e interfere diretamente no espaço urbano (COPATTI e OLIVEIRA, 2016).

Sposito (2014) aponta que a produção do espaço urbano não ocorre de forma igual, mas com intensidades maiores ou menores, nas diferentes formações socioespaciais. Mesmo que as estruturas sejam gerais, diversas demandas interferem nesses processos. Desse modo a autora indaga se neste período no qual vivemos a intensificação das interações espaciais e aceleração das relações em múltiplas escalas, poderiam assim modificar os papéis das cidades pequenas e médias no Brasil.

Ao evidenciar a importância da história na formação do espaço urbano, na compreensão de quais os processos que ali se estabeleceram e de que forma se moldaram, Sposito (2014, p.10) esclarece como o espaço foi pouco a pouco se configurando:

> ...entendemos que o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes,

> transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações.

O tempo modifica o espaço urbano, alterando suas formas, tanto na função como no seu uso. Essa adaptação aos novos usos e funções possibilita a descaracterização do passado da cidade, principalmente em sua área central, modificando constantemente o espaço urbano. (PESAVENTO, 2005).

Assim, o espaço como um modo da produção capitalista, se manifesta nos dias atuais como grande valorização do capital. Tanto o parcelamento da terra - loteamentos, verticalização - como o processo de mercantilização estão inclusos nos processos de acumulação do capital. Entretanto o espaço não é apenas "o modo capitalista de produção", está intrínseco a ele sua produção, percepção, vivência, conceituação. Ou seja, não é apenas um lugar passivo onde as relações sociais acontecem (BOTELHO, 2007).

Apesar do espaço ser um local onde as relações sociais de todas as classes poderiam se manifestar, o poder se encontra nas mãos das classes altas que detém grande parte dos recursos e tem a possibilidade de manipular o espaço como melhor lhes convém. Desse modo quem apreende a maior parte dos recursos vai moldando, ocupando e fragmentando o espaço a partir de seus interesses, resultando em disparidades no espaço para grupos distintos. (BOTELHO, 2007).

Nessa perspectiva, Botelho (2007, p. 16) constitui seu olhar sobre a questão do domínio do capital frente as demandas estruturais do espaço, onde o mesmo exerce poder através de suas classes dominantes.

> Faz-se necessário, portanto, uma compreensão de como o capital, crescentemente, domina o espaço para que temas como a estruturação do espaço urbano, a segregação socioespacial e a fragmentação desse espaço, entre outros, possam ser devidamente tratados.

Foi por meados dos anos 90, após mudanças nas políticas urbanas que as cidades passaram a ser tratadas então, como mercadorias, resultando na mercantilização do espaço urbano. Assim a importância do espaço no capitalismo se mostra mais aparente, e se manifesta como a reprodução do próprio capitalismo. A “cidade-mercadoria” agora é uma estratégia global,

precisa se reestruturar, de modo a ficar atrativa para a venda. São produzidas então representações, modelos, imagens-síntese sobre as cidades, para que possam ser utilizadas como estratégias de mercado. Essas estratégias podem ser assim chamadas estratégias globais que irão sustentar e argumentar esse modelo imposto e reproduzido em escala mundial. Assim se mostra a fase atual do capitalismo, que só se reproduz na produção de um novo espaço (SÁNCHEZ, 2001).

A cidade se tornou também um "objeto" de consumo - mas não como os demais objetos - no modo de produção capitalista. Além de meio de produção o espaço urbano passa a ser meio de geração de mais-valia, o espaço passa a ser produção e consumo. O espaço urbano passa a ter maior importância para o capital. O ambiente construído, o solo, podem ser a qualquer momento transformados em dinheiro (BOTELHO, 2007).

Compreendemos assim que a força que o capital exerce hoje sobre o espaço urbano interfere diretamente em como o território vai se ordenando e nas formas que o espaço urbano apresenta.

Desse modo o espaço se organiza a partir dos diversos usos que são dados à ele, formando áreas centrais, industriais, comercias, de moradia, lazer ou de possível expansão. Assim ele é constantemente fragmentado e ao mesmo tempo articulado, visto que se estabelecem diferentes relações no mesmo espaço. São deslocamentos entre áreas de moradia e lazer, moradia e indústria, indústria e comércio entre outras tantas articulações que se constituem concomitantemente. Menos visível, mas não menos intenso, são as relações espaciais que englobam a circulação e decisão de investimentos, anexadas ao poder e ideologia. Neste sentido o espaço urbano vai se constituindo pelas diversas relações que se estabelecem através dos processos sociais, ora que os processos espaciais são escritos pela sociedade e têm a sua natureza social (CORRÊA, 1989).

Nesse sentido Lobato Corrêa (1989) também ressalta que ao mesmo tempo em que o espaço urbano é oriundo dos múltiplos processos sociais, ele também é condicionante da sociedade. Estabelecem-se nele possibilidades para a reprodução das condições de produção. E, a partir dessas relações entre

sociedade e espaço urbano, o espaço adquire uma dimensão simbólica para cada indivíduo, de acordo com suas crenças, grupos, classes ou faixa etária.

> Eis que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais (CORRÊA, 1989, p.9).

O espaço urbano é assim então, produto social. Proveniente das ações dos agentes e acumuladas no decorrer do tempo, o espaço se organiza de acordo com as demandas estabelecidas pelos distintos agentes e suas ambições. Ali neste mesmo espaço, se estabelecem conflitos entre as diferentes classes, anseios e necessidades (CORRÊA, 1989).

É a partir dessa reorganização espacial em que os agentes atuam firmemente, ocupando novos espaços, revitalizando outros, deteriorando outros mais. Assim distintas relações se estabelecem a partir da produção social dos espaço urbano, sendo elas dispostas entre os agentes sociais que possibilitam “fazer e refazer a cidade”. Estes agentes se representam por proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, o Estado, e os grupos sociais excluídos, onde a ação dos mesmos é regulada dentro de um marco jurídico, que nem sempre é neutro e frequentemente se apresenta em acordo com os interesses dos agentes que dotam de maior poder de articulação (CORRÊA, 1989).

Apresentado alguns conceitos que dialogam sobre a temática da produção do espaço urbano e seus agentes que constroem e reconstroem constantemente este espaço, abordaremos no próximo subcapítulo os processos de urbanização bem como os agentes urbanos que provocam as principais transformações urbanas no espaço.

2.2 Urbanização, agentes urbanos e transformações urbanas

A urbanização no Brasil se deu primeiramente nas áreas litorâneas, e posteriormente avançou em grande proporção no final do século XX. Em 1940 cerca de 31,2% da população nacional era considerada urbana, e em 1980

55,9% da população brasileira já era urbana (SANTOS, 1994). Fortemente ligada ao processo de industrialização onde as diversas demandas sociais e econômicas se tornam imprescindíveis, resultou assim no crescimento demográfico de cidades médias e maiores, as capitais de estado. Posteriormente o meio científico-técnico reorganiza os modos de comunicação e até mesmo a concentração de potencial intelectual e econômico. Assim a partir desse período as diferenças no território não são mais apenas naturais, e sim de ordem sociais (SANTOS, 1994).

Com a malha viária e sistema de comunicação unificado, o mercado mais integrado, grandes empresas se fortalecem e acabam excluindo empresas concorrentes, resultando num aumento de força e poder por grupos econômicos em posição dominante (SANTOS, 1994). Essas grandes empresas são assim também grandes consumidores de espaço como aponta Lobato Corrêa (1989).

É no Brasil pós 64 que ocorre um grande processo de modernização, onde os transportes e a comunicação se integram e possibilitam uma rápida expansão das atividades capitalistas, como as industriais e agrícolas. Assim, Santos (1994, p.119) elucida que não existe mais um Brasil urbano e um Brasil rural, podendo ser ao mesmo tempo um Brasil urbano e um Brasil agrícola, assim “O Brasil urbano é o Brasil em que está presente o meio técnico-científico, área onde a vida de relações tende a ser mais intensa e onde, por isso mesmo, o processo de urbanização tende a ser mais vigoroso". A ciência e a técnica passam então a estar envoltas em praticamente todas as atividades humanas (SANTOS, 1994).

Os indicadores oficiais do que é rural ou urbano apontam para a densidade de população, discriminando assim, o que é um, o que é outro. Mas provavelmente os atributos que mais caracterizam o rural ou o urbano sejam aqueles mais difíceis de mensurar, como os comportamentos individuais e psicossociais. Atualmente reconhecer a importância das interações entre rural e urbano se torna fundamental. (ALVAREZ, 2010)

A cidade também passa a se adaptar as demandas impostas pelo trabalho no campo. Ela precisa atender as necessidades diversas que o campo necessita, como insumos, estoque de capital de giro, mão-de-obra, centros de transporte, comunicação entre outros. Essa seria uma das explicações para a

diferenciação das cidades, ora que as mesmas precisam se adaptar ao consumo produtivo rural (SANTOS, 1994).

São visíveis as interferências do meio rural no meio urbano brasileiro e vice-versa. Tanto quanto o campo cria as condições para o estabelecimento da cidade, quanto a cidade se apropria de áreas rurais para estabelecer sua expansão.

Em áreas onde há maior influência urbana, há cada vez mais interferência de empresas financeiras e construtoras “sondando” as áreas rurais próximas a cidade, gerando as reservas territoriais. Este processo acarreta que muitos camponeses vendem suas terras para construtoras, promotores imobiliários, abandonando suas atividades no campo. (ALVAREZ, 2010)

As formas urbanas são fundamentais para compreendermos a sociedade brasileira que temos e estamos. É preciso compreendermos inicialmente que “urbano” é referido a qualidade de quem vive na cidade, e, como Lefebrve (1990) define, vai além de apenas um modo de consumir, engloba diversos outros modos como pensar, sentir, consumir, é um modo de vida.

A cidade por sua vez, alcança um conceito um tanto genérico, ora que contempla desde cidades pequenas até grandes cidades. A discussão de cidade nos remete a um objeto, enquanto o urbano a um fenômeno, onde ambos estão no campo de reflexão a respeito do espaço e sociedade, ora que são procedentes desta relação. A palavra cidade abrange um objeto que pode ter consideráveis variações, motivo o qual em diversas ocasiões são acrescentados adjetivos junto dela, para que o conceito possa transmitir o essencial. A cidade engloba aglomeração, sedentarismo, mercado, administração pública. Muitas cidades brasileiras surgiram de povoados e povoações, que incluindo relações de troca e administração pública desenvolveram-se como cidades, muito embora alguns povoados já se intitulavam cidade pelo poder que tinham frente aos demais povoados. (LENCIONI, 2008).

Para Correa (2011) a produção do espaço é proveniente da ação dos variados agentes sociais concretos, históricos, com interesses e estratégias, podendo ser proprietários dos meios de produção, promotores imobiliários, proprietários fundiários. “São os agentes que materializam os processos sociais

na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço o espaço intra-urbano.” (CORREA, 2011, p.44).

Furini (2014) explica que os agentes urbanos podem ser classificados de acordo com o campo de ação. Desse modo teremos várias tipologias de agentes, como o intra ou interurbano que se refere ao local de onde ele age; o individual ou social, que vai abranger as ambições do agente; público ou privado, dependendo da iniciativa que detém os empreendimentos; ativo ou potencial; dependendo da capacidade que o agente possui para aplicar suas ideias; intencional ou casual, partindo ou não de projetos ou planejamentos; direto ou indireto, de acordo com o modo de participação na reestruturação do espaço urbano; subjetivo e objetivo, através dos saberes gerados ações podem ser formuladas como saberes ou ainda virar práticas; regulamentado ou desregulamentado, de acordo com a situação legal ou não da ação ou do local de atuação.

Assim os agentes urbanos constroem e desconstroem o espaço urbano. Seguramente o mercado imobiliário tem grande poder na articulação entre vendedor e comprador, além da capacidade de comprar terrenos antes de sua possibilidade de valorização, gerando assim grande lucratividade. A urbanização torna-se visível no Brasil e em grande maioria de seus municípios.

Sposito (2006) afirma que a cidade vai crescendo na medida que transforma terras rurais em terras urbanas, tornando áreas loteadas as que se encontram mais próximas da cidade, que possibilitem a extensão do tecido urbano. Essa transformação do rural para urbano tem se representado de modo expressivo em nosso país, pelo fato de mostrar-se muito tentador aos proprietários e incorporadores ora que possibilita o aumento da renda da terra. O grande problema que incorre sobre esse expressivo aumento, é que por muitas vezes não se estabelece uma continuidade entre a cidade e o novo loteamento procedendo assim os chamados vazios urbanos, que não possuem uso nem forma. Desse modo a cidade vai sendo apresentada por descontinuidades territoriais.

Os proprietários de terras procuram por maior rendimento possível que a terra pode gerar, como por exemplo, aquelas utilizadas para áreas comerciais e residenciais de status. Por este motivo, estes proprietários estão tão

interessados em transformar áreas rurais em urbanas, onde o rendimento tende a se tornar bem maior. O interesse passa a ser então pelo valor de troca, e não pelo valor de uso. Em função destes aspectos, muitos proprietários fundiários – os de maior poder em grande maioria- exercem pressões frente ao Estado de modo a se beneficiar por infraestruturas provenientes de obras públicas, como a malha viária, que possibilitam a valorização de terras próximas a essas benfeitorias. Sem dúvida alguma, esse benefício não se estende a todos proprietários de terras de modo uniforme, e sim em maior grau para aqueles de maior poder de articulação com as esferas municipais/estatais (CORRÊA, 1989).

Entretanto as transformações de terras agrícolas em terras urbanas requerem demandas para que possam assim se efetivar. São demandas provenientes de novas camadas sociais que detenham de certo capital para que possam habitar esses espaços, possibilidade de remunerar o capital investido nessas operações imobiliárias, e ainda do grau de incentivo que o Estado decide em dar. É a partir do desenvolvimento dessas demandas que se estabelecem taxas maiores ou menores como as de crescimento demográfico e espacial das cidades (CORRÊA, 1989).

Ao falar sobre a urbanização brasileira, Maricato (2002) explica a totalidade estrutural necessária para abranger esse movimento. Construção, abastecimento, energia, água, saúde, necessidades de trabalho, transportes tornam-se necessários para que a população possa se estabelecer, muito embora nem todos esses requisitos tenham sido atendidos neste processo. Importante ressaltar que o tipo de sistema político e inserção econômica do país vão implicar no modo de produção do espaço urbano podendo se expressar em níveis diferenciados em outros países. A partir dessas diferenças irão se estabelecer padrões melhores ou piores de habitações, infraestrutura, equipamentos e ainda distintas intensidades dos processos de urbanização e suas decorrências, assim como a amplitude da ação dos agentes urbanos que podem possuir mais de uma influência. (FURINI, 2014)

Nesse sentido a urbanização está fortemente ligada as transformações urbanas, visto que ela não interfere apenas no crescimento demográfico, mas modifica as relações já existentes e resignifica vários espaços, não somente nos seus limites munícipes, mas numa esfera regional.

A cidade exerce diversas ligações exteriores a ela, como fluxo de capitais, mercadorias, pessoas, ideias. Deste modo se estabelece conexões inter-regionais, que possibilitam tais processos (CORRÊA, 1989).

Nessa mesma linha de raciocínio podemos pensar sobre as transições ocorrentes entre os municípios de Vera Cruz e Santa Cruz do Sul. Dada a proximidade com o município vizinho e a grande gama de serviços, empregos e educação que Santa Cruz do Sul disponibiliza a nível regional, o município acaba por atrair muitos habitantes vera-cruzenses. Desse modo ocorrem diversas interações socioespaciais decorrentes destes movimentos diários neste território regional. A Santa Cruz do Sul é concedido assim o papel de cidade polo regional por concentrar três das atividades geradoras da dinâmica regional, que são: presença de sedes de grandes empresas fumageiras, como Souza Cruz, Philip Morris e Universal Leaf Tabacos Ltda, a Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, e ainda grande variedade de serviços e comércio oferecidos. Assim não só Vera Cruz, mas outros municípios como Venâncio Aires estão articulados em rede a estas atividades que contribuem para expansão econômica destes municípios. Da população economicamente ativa do município de Vera Cruz, a partir de dados do IBGE de 2010, 25,41% destes representando 3.532 pessoas, sendo que, 2.723 se deslocam diariamente para Santa Cruz do Sul para trabalho e 809 para estudo. (SILVEIRA E BRANDT, 2017).

Logo, em busca de diversos serviços como os assistenciais e de saúde, Santa Cruz do Sul se mostra como centro de várias especialidades. Quando o assunto é educação, em maior parte de ensino superior, Santa Cruz do Sul também se manifesta como uma das principais referências da região. Devido as diversas instituições empresariais que o município abriga, muitos vera-cruzenses se deslocam diariamente a Santa Cruz do Sul tanto para consumir tais necessidades como para trabalho, resultando em uma ampla permuta entre os municípios.

Desse modo Santa Cruz do Sul interage com diversas cidades e áreas rurais adjacentes, incluindo Vera Cruz e ocasionando diversos reflexos e mudanças no espaço regional. Assim percebe-se um aumento dos fluxos pendulares bem como do capital imobiliário entre Vera Cruz e Santa Cruz do

Sul, ocasionando um amplo processo de reestruturação do espaço urbano (SILVEIRA E BRANDT, 2017).

Considerada as novas demandas por habitações e a proximidade entre os dois municípios, possibilitou ao setor imobiliário realizar diversos investimentos em ambos municípios com a intenção de suprir essas necessidades e estabelecer a este setor uma atividade lucrativa. Sendo assim, diversas pessoas residem em Vera Cruz, mas se deslocam diariamente ao município vizinho.

A esse movimento diário entre um município e outro é atribuído o conceito de movimento pendular que se estabelece como movimento cotidiano regular, tanto por motivos de estudo ou de trabalho (OJIMA, 2007).

Entretanto, mesmo com o grande número de deslocamentos diários para o município vizinho, o constante processo de urbanização também gera novas demandas de serviço e comércio, pois mesmo que se realize o movimento pendular, essa população residente gera demandas. Assim a área central que concentra boa parte destes serviços, por uma questão como aborda Lobato Corrêa (1989), de vantagens locacionais.

Esse fenômeno da maior valorização da terra nas áreas centrais se dá conforme Horwood e Boyce (1959) apud Corrêa (1989) por representar-se por variados fatores como, o uso intensivo do solo, ampla escala vertical, limitada escala horizontal e limitado crescimento horizontal, concentração diurna, foco de transportes intra-urbanos e área de decisões.

Evidentemente que, para comportar essa nova população que se instala na área urbana do município, são necessárias estruturas que amparem e assegurem os direitos a sociedade. Deste modo vão sendo criados suportes que atendam a demanda destes indivíduos, como hospitais, escolas, redes de energia, água, serviços e comércio em geral. Percebemos então, mais do que ressignificação, tem-se alterações nos usos da área central da cidade, que vão concentrar a oferta dos serviços e do comércio em geral.

Assim os prédios históricos no município de Vera Cruz vão aos poucos deixando de compor a paisagem da área central, que por sua vez tem a área de terra valorizada e especulada pelo mercado. As casas antigas vão dando lugar a prédios comerciais com arquitetura em demasia homogeneizada. É importante compreendermos que o solo urbano é considerado um “suporte para a sua vida”,

visto que é ele que oferece moradia, circulação, lazer. Para industriais e comerciantes o solo passa a ser considerado como meio de produção, mas não para trabalhadores assalariados. (SOUZA, 2008)

Consideramos que os processos de urbanização e as transformações urbanas irão ocorrer e ocorrem constantemente no território. Entretanto é preciso e poderíamos até arriscar, possível, integrar estes processos a permanência dos bens históricos e culturais. Souza (2008) afirma que podemos progredir se pararmos de invocar o senso comum a diversos fatos, como o referente do tamanho das cidades equivalerem com o de seus problemas ou de muitos outros que não se mostram verdadeiros. O que se pode perceber no que tange a situação das cidades, é um processo histórico, onde as injustiças e desigualdades poderão agravar a situação. O mesmo se repete quanto às famosas frases “faltou planejamento” ou “vontade política”. Sabemos que planejamento é fundamental, mas nem tudo se resume a ele. É necessário entender o contexto em que está localizado e quais as interferências sociais, culturais e econômicas incidem neste planejamento e nesta “vontade”. Nesse sentido Marcelo Lopes de Souza evidencia que:

> [...] não se trata apenas, ou e primeiro lugar, das inclinações e virtudes individuais, mas dos papéis sociais que os indivíduos são chamados a desempenhar, e das instituições sociais que dão sentido a esses papéis. Por isso pode-se e deve-se, sim, fazer apelos aos indivíduos e ao seu senso ético de responsabilidade social: afinal, os indivíduos existem, com um mínimo de livre-arbítrio e capacidade de opção. Mas não basta apelar aos indivíduos individualmente, é preciso entender que instituições (e que papéis sociais) precisam ser transformadas ou eliminadas. Sem isso, vai se continuar cobrando dos governantes uma capacidade de resolver todos os problemas que eles, devido a restrições econômicas, institucionais e (no caso dos conservadores) político-ideológicas, não têm e não terão. (SOUZA, 2008, p. 109)

É necessário mobilizar os recursos que temos disponíveis em escala local – como recursos econômicos, políticos, intelectuais – muito embora não possamos reduzir o planejamento e gestão das cidades apenas a essa escala.

Precisamos observar a cidade como espaço em constante modificação, nunca como forma acabada. Ela vai modificando as paisagens que a rodeiam, tanto naturais como construídas pelo ser humano, alterando cada vez mais sua

forma inicial. Entretanto, esta complexidade que se manifesta precisa ser monitorada para que não se represente um caos sem solução.

Compreender a urbanização como um processo que condiciona contradições em seu decorrer requer da sociedade em geral, em especial dos agentes que nela se manifestam a conscientização de uma expansão buscando minimizar os impactos negativos causados por ela. Assim quando refletimos as novas paisagens urbanas formadas no município de Vera Cruz, percebemos que a cidade ainda não alcançou uma continuidade entre as áreas construídas e os novos loteamentos, entre passado e o presente, quando nos referimos a manutenção e preservação dos patrimônios históricos construídos e a relação com as novas construções.

Neste sentido, Sandra Pesavento (2005) aborda sobre a importância de sensibilizar o olhar para a questão urbana frente ao passado. A arquitetura, a escrita, se sobrepõem a ação do tempo, e nesta perspectiva, memória, arquitetura e história se manifestam como atividades que o enfrentam. Assim lugares dotados de sentido, que sejam reconhecidos pelos seus traços, são espaços no âmbito social de um sentimento de pertencimento.

> A patrimonialização do passado da cidade implicaria em assumir a cidade como propriedade cultural e partilhada, o que demanda uma aprendizagem. Reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade, entender como sua uma memória social, saber ver no traçado das ruas e nos prédios e praças lugares, dotados de sentido, endossar um pertencimento, reconhecendo territórios e temporalidades urbanas, é tarefa que deve ser assumida pelas instâncias pelas quais se socializa uma atitude desejada, indo da mídia ao ensino, do governo à iniciativa privada. Isto implicaria em criar responsabilidades, em educar o olhar e as sensibilidades para saber ver e reconhecer a cidade como um patrimônio herdado (PESAVENTO, 2005).

Tomemos então, na sequência, como aspecto relevante do estudo em questão abordar os assuntos pertinentes a trajetória urbana do município de Vera Cruz, bem como a relação que se estabelece entre memória e desenvolvimento urbano.

3 MEMÓRIA E DESENVOLVIMENTO URBANO

Buscando compreender como a memória se relaciona com o desenvolvimento da cidade, buscamos, nesse capítulo, apresentar uma revisão dos conceitos que abordam temas como memória e desenvolvimento. Deste modo, no decorrer do texto averiguamos as ligações que a memória estabelece com o cotidiano, e se ela tem a capacidade ou não de interferir nas escolhas dos indivíduos. A partir daí, abordamos o desenvolvimento da cidade a partir da memória e lembranças de seus habitantes. Nos instiga aqui, conhecer que desenvolvimento é esse e para quem ele realmente serve.

3.1 A memória social e a cidade

Nosso entorno está carregado de significados e sentimentos ligados a nós. É através dessa estabilidade proporcionada pelo entorno "fixo" que estabelecemos o equilíbrio mental. Ora porque as transformações urbanas podem se manifestar a partir de um sentimento de abandono e de incerteza para seus residentes. Assim a cultura, os gostos estão intrínsecos em nossos objetos, decoração e construções. A partir de determinados utensílios, arquitetura, características podemos compreender a que época ou grupo possa ter pertencido tais objetos. (HALBWACHS, 1990).

Neste sentido Halbwachs (1990, p.132) evidencia que, "de fato, as formas dos objetos que nos cercam têm muito esta significação.” O indivíduo não está sozinho, isolado. Quando inserido em um ambiente, resulta em se adaptar a essa imagem, influenciando e sendo influenciado por ela.

Entretanto, as lembranças continuam participando do cotidiano, da vida do indivíduo, visto que a presença de um grupo em algum lugar, não pode ser por completamente apagada, deixando sempre vestígios. A importância do aspecto "material" é fundamental na representação de um grupo, como se a força fosse encontrada e representada nele. Assim, mesmo que algum grupo

tenha desfeito aquilo que outro fez anteriormente, a força do ato anterior se encontra na imagem (HALBWACHS, 1990).

Nessa perspectiva Michael Pollak (1992) elenca como elementos constitutivos da memória os acontecimentos vividos pessoalmente pelo indivíduo, e aqueles a qual ele sente-se pertencer, mesmo que não o tendo vivenciado pessoalmente. Esses fatos marcantes podem impactar de tal maneira que o indivíduo tenha a sensação de ter herdado memórias transmitidas ao passar de muitos anos e se identificar fortemente com elas. Nesse mesmo sentido, as pessoas/personagens também são constitutivos da memória.

Do mesmo modo como os acontecimentos, os personagens, o lugar também é constitutivo da memória. O lugar pode funcionar como apoio a memória, ou remeter a um tempo/ fase vivenciada por uma pessoa. Estes lugares podem ser conhecidos também, como no caso dos acontecimentos e personagens, tachado, onde mesmo que a pessoa não tenha participado do acontecimento naquele lugar, ele serve de lembrança de algo importante (POLLAK, 1992).

Nessa mesma linha de ideias, Halbwachs (1990) aponta que a memória individual não está restrita, fechada. Ela busca pontos de apoio externos para recordar as lembranças requeridas. Assim também a memória coletiva nos remete a fatos que conhecemos, mas não tenhamos presenciado, apenas conhecemos pelo relato de outros que participaram, ou ainda de documentos e reportagens. Desse modo é que se apresentam grande parte das lembranças históricas, não a presenciamos, mas a conhecemos através de leituras ou diálogos com outras pessoas fazendo com que capturemos de modo emprestado essas memórias.

Halbwachs (1990, p. 55) distingue duas memórias: a autobiográfica e a histórica,

> Onde a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Os acontecimentos históricos funcionam como "marcadores do tempo" e assim remetem-nos as diversas fases e ciclos que se apresentam, muito embora o indivíduo só estabeleça uma relação quando ele consegue se afastar de si. O passado vivido impacta mais profundamente na memória do que o passado aprendido pela história escrita. É na história vivida que se abrigam as lembranças mais pessoais, mais íntimas do indivíduo (HALBWACHS, 1990).

> É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. (HALBWACHS, 1990, p.71)

A história vivida se diferencia da história escrita, através daquilo que o indivíduo presenciou, viveu e compartilhou em sua trajetória.

Pollak (1992) evidencia que a memória é seletiva, nem tudo pode ficar gravado em nossas lembranças, assim as apreensões do momento possibilitarão um elemento de estruturação da memória, onde a memória pode sofrer modificações de acordo com as ocasiões, condições que se estabelecem. A memória não se restringe apenas a vida do indivíduo, mas pode também ser em parte herdada de outras gerações, como anunciamos anteriormente. Nesse sentido Halbwachs (1990, p.71) elucida na passagem abaixo que:

> ... a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

A memória está fortemente ligada ao sentimento de identidade, podendo ser considerada, conforme Pollak (1992), como constituinte deste sentimento. Ela vai representar para o indivíduo um sentimento de continuidade e coerência, onde a pessoa possa estabelecer a reconstrução de si própria. É preciso ressaltar que “... a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (Pollak, 1992, p. 205)”. Entretanto há memórias que por sua vez tentam ser esquecidas, apagadas, por representarem um momento de sofrimento e

tristeza, onde a sociedade geral o desvaloriza/ repudia por representar um ato degradante.

A importância dos pontos de apoio da memória são incontestáveis. As paisagens, o patrimônio arquitetônico, as tradições fortalecem a memória coletiva e servem de auxílio a ela. Assim Halbwachs (1990, p. 136) observa sobre as diferenciações das cidades através do seguinte trecho onde aborda sabiamente sobre os hábitos locais e a importância da memória coletiva sobre as imagens espaciais:

> Sem dúvida, a diferenciação de uma cidade resulta na origem de uma diversidade de funções e costumes sociais; mas, enquanto o grupo evolui, a cidade, em seu aspecto exterior, muda mais lentamente. Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-los, e essa resistência permite perceber melhor até que ponto, em tais grupos, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais. Com efeito, as cidades se transformam no curso da história.

Para Pesavento (2005) a relação entre memória, história e cidade passa pelas instâncias do simbólico e do sensível, onde se busca os significados que foram abrigados pela cidade em outros tempos. Com a contribuição de imagens e discursos é possível propiciar uma identidade urbana, que a tornem única na história. Assim, todo o resgate de registros possível é válido, tanto o tangível como aquele que não é, como a memória, as tradições. Neste sentido Pesavento (2005, p. 13) complementa na passagem abaixo que:

> Nesta medida, o que passa a contar não será exatamente a permanência integral das formas antigas nem a sua capacidade de resistência à passagem do tempo físico, ao desgaste e à transformação, dada pela passagem do tempo social. É preciso descobrir os tempos da história que se acumulam no espaço e que podem e devem ser resgatados pela memória.

Cada traço do passado representa diversas características acumuladas do seu uso/ consumo bem como a ação dos agentes, as experiências vividas, os sentidos atribuídos que contribuíram nas marcas do tempo. Desse modo é preciso observar o quanto a memória, a história e sentido pode ser evocado da cidade num determinado contexto de espaço-tempo. Essa memória poderia ser assim denominada, como memória voluntária, como uma vontade de lembrar que se desenvolve pelo indivíduo, mas onde toda memória individual é

construída também pela dos outros acaba sendo uma memória social, que encontra sentido na vida coletiva e contribui para relembrar e dar significado ao passado. (PESAVENTO, 2005).

Pesavento (2005, p. 14) fortalece seu olhar sobre a relação entre memória e as cidades ao explicitar que “Uma cidade, pois, inventa seu passado e cria seu futuro para explicar o seu presente”. É neste mesmo espaço onde se vive o presente que se busca através da memória e história “sinais” para um reconhecimento e identificação. Assim, essa liberdade para rememorar, possibilitar uma identidade é também um exercício de cidadania, um direito à cidade.

Do mesmo modo que a memória luta contra o esquecimento, a arquitetura e a escrita se inscrevem como uma glória frente ao tempo, e nesse sentido tanto a memória como a arquitetura podem ser assim definidas como atividades que enfrentam o tempo. Entretanto para que as pessoas vislumbrem esse reconhecimento, essa patrimonialização do passado de uma cidade é necessário um sentimento, uma sensibilização do olhar para reconhecer o passado e sua história. (PESAVENTO, 2005)

As transformações pelas quais passam uma cidade podem gerar inquietações em seus residentes. Entretanto quando manifestadas estas perturbações por parte de um grupo e não apenas de forma isolada, se apresentam com maior força, mostrando assim sua resistência, seu ressentimento frente às mudanças ocorridas.

3.2 Memória social e desenvolvimento: que desenvolvimento? Para quem?

Ao pensar na definição de desenvolvimento requer que consideremos não apenas os aspectos econômicos, mas sociais, culturais e educacionais. Muito embora o quesito econômico seja demasiado importante, ele não pode e não deve ser o único parâmetro para a definição do conceito de desenvolvimento. Um país ou região que objetiva desenvolvimento em sua totalidade necessita levar em consideração o bem-estar social e os aspectos que promovem a qualidade de vida para sua população.

Amartya Sen (2000) enfoca dois pontos chave para definir o conceito de desenvolvimento, onde enuncia a necessidade de considerar a liberdade individual como comprometimento social para progredirmos nas melhores condições de vida, de desenvolvimento. O autor aponta a liberdade como o ponto primordial para que os indivíduos possam agir como agentes que possibilitem a mudança, e não apenas como beneficiários.

Este ponto é muito importante para compreendermos como as sociedades se organizam em decorrência dos poderes e liberdades concedidos aos mesmos. Embora pareça retrógado falarmos em fome em pleno século XXI, ela ainda assola milhares de pessoas em todo o mundo, levando a sérios problemas de saúde e sem delongas a possível morte. Esta é apenas uma forma de privação de liberdade, entretanto existe inúmeras que poderíamos citar aqui, como o difícil acesso a saúde, educação, empregos remunerados, saneamento básico, segurança e igualdade de gênero. Ainda existem, as formas de privação de liberdade por meio da privação de direitos civis e políticos, que por sua vez interferem diretamente na possibilidade de voz de inúmeros indivíduos. Muitos ainda apoiam a negação desses direitos políticos e civis, alegando um maior crescimento econômico a partir desta premissa (SEN, 2000).

> Assim, atenta-se particularmente para a expansão das "capacidades" [capabilities] das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam - e com razão. Essas capacidades podem ser aumentadas pela política pública, mas também por outro lado, a direção da política pública pode ser influenciada pelo uso efetivo das capacidades participativas do povo. (SEN 2000, p.32)

Sen (2000) explica que quando falamos em liberdade do indivíduo estamos nos referindo a possibilidade do mesmo influenciar o mundo, de zelar pelo seu bem-estar. Nessa situação, ele passa a atuar como agente, como aquele que propicia mudanças a partir de seus critérios e valores no mundo econômico, político e social.

Entretanto nem todos indivíduos gozam das mesmas liberdades. Como aponta Battaus e Oliveira (2016), o direito a cidade trata de um direito amparado constitucionalmente no qual os cidadãos têm direito a cidade, um lugar harmônico que possibilite dignidade ao indivíduo, proporcionando a ele uma

melhor qualidade de vida. Considerado um direito de “terceira dimensão” – não ao indivíduo em sua individualidade, mas a sociedade como um todo – o direito a cidade preza pela qualidade de vida humana, pelo patrimônio cultural e social, pela moradia, transporte público, direitos sociais entre outras tantas demandas requeridas pela sociedade.

Para Carlos (2007, p.109) “A luta pela cidade é produto da constatação das contradições que estão na base da construção do urbano no Brasil, e envolve a elaboração de um projeto para a sociedade”. Assim a ideia do direito à cidade se manifesta como realização possível da vida humana (CARLOS, 2007).

Vazios urbanos, adensamento de população em determinadas áreas são exemplos de privações de direitos que interferem profundamente na vida da população urbana. Elas influenciam na descontinuidade do sistema viário, e na qualidade de vida disposta aos indivíduos. Além destes exemplos podemos descrever sobre a segregação dentre tantos outros que dificultam ou impedem o direito a participação da sociedade (BATTAUS e OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Carlos (2007) neste momento histórico no qual o valor de uso tende a se submeter ao valor de troca, visto que o espaço, a casa, pode ter sido reduzida a função de mercadoria:

> É assim também que se coloca o debate em torno do direito à cidade que se realizaria nas possibilidades reais de apropriação, pela subordinação do valor de troca ao uso (e não o contrário), da constituição da cidade enquanto espaço de criação superando a contradição usuário/usador (CARLOS, 2007, p.30).

Lefebrve (2001) fortalece ainda que as necessidades sociais têm um fundamento antropológico, onde ao mesmo tempo, por exemplo, em que necessitam de segurança, carecem também de abertura.

Entendamos aí, que não é necessário uma unidade única de pensamentos, mas, a partir da interação social contribuir para a formação de preferências, onde uma maior parte da sociedade possa expor suas ideias e pensamentos e o nível de justiça social possa assim ser mais aceitável do que o anterior. Isso sugere um comprometimento social, onde nos posicionamos como agentes possibilitadores da mudança, da indagação, do posicionamento de enxergar o que acontece ao nosso redor sem requerer apenas que é nossa

obrigação aquilo que tenha resultado de nossas ações. É preciso compreender que para exercer a responsabilidade social é de suma importância que não falte as condições básicas para que o indivíduo tenha condições de agir então responsavelmente (SEN, 2000).

Nesse sentido Sen (2000, p. 322) elenca que "assim, o argumento do apoio social para expandir a liberdade das pessoas pode ser considerado um argumento em favor da responsabilidade individual, e não contra ela."

Em outro trabalho Amartya Sen (2010) aborda a importância e a riqueza do capital social. Ele engloba diversos fatores que vão desde a confiança nas relações interpessoais, capacidade de associatividade, consciência cívica e valores éticos. Os quatro componentes apresentados acima são de total importância para a formação do capital social, entretanto os valores éticos recebem uma relevância um tanto maior por serem decisivos na conduta de uma sociedade. Todos estes, quando sintonizados e ocorrendo em sua melhor forma, possibilitam que o desenvolvimento possa acontecer com maior êxito, visto que há uma sinergia positiva disposta pelos integrantes da sociedade.

Aqui então podemos perceber a forte ligação entre capital social e cultura. O capital social se forma a partir da cultura e educação. É através dos valores culturais que ele se molda e se estabelece diferentemente em cada país (SEN, 2010).

Entendamos aqui que Sen (2010) deixa bem claro que não podemos colocar a dimensão cultural como "salvadora" de tudo, de modo algum, mas que ela pode com certeza contribuir positivamente para o desenvolvimento de uma região quando considerada e compreendida pelos seus.

No entanto a cultura é vista por muitos útil apenas quando rentável. Esta visão economicista da cultura exclui a cultura como símbolo de sua nação. Por isso a importância da democracia, do capital social fortalecido para discutir e posicionar controvérsias a esse posicionamento baseado apenas na visão econômica. A cultura está intrínseca nas diversas atividades da sociedade e contribui, por exemplo, no auxílio à diminuição da criminalidade, otimizando o tempo livre de jovens com programas que estimulem as potencialidades daqueles excluídos da sociedade. Estes resultados positivos propiciam o desenvolvimento (SEN, 2010).

Harvey (2005) aponta que no desenvolvimento capitalista se estabelece uma paisagem física que atenda às suas necessidades em determinado momento, e que ao tempo em que não estão mais apropriadas as suas condições, possam ser destruídas ou substituídas por outras que atendam para o novo processo de acumulação capitalista. Tudo está interligado à produção de valor e a própria dinâmica de acumulação. E a partir da teoria marxista podem ser explicadas as contradições existentes do capitalismo, como por exemplo a respeito das estruturas geográficas:

> A paisagem criada pelo capitalismo também é vista como lugar da contradição e da tensão, e não como expressão do equilíbrio harmonioso. Além disso, as crises nos investimentos do capital fixo são consideradas como sinônimo, em muitos aspectos, da transformação dialética do espaço geográfico (HARVEY, 2005, p.55).

Harvey (2005) fortalece ainda que o ambiente influencia os moradores urbanos, que através da experiência que vivenciam desenvolvem suas percepções, leituras simbólicas e aspirações. O estudo da urbanização está interligado ao estudo da mudança social e ao estudo do desenvolvimento econômico, mesmo que, por vezes, passe despercebido por muitos pesquisadores.

Como aponta Barbosa (2007) o fenômeno urbano vem sendo analisado pelos variados recortes que apresenta, pelos variados adjetivos que incorpora no decorrer de sua história, como "cidade da informação", "cidade da inovação" ou "cidade caótica". Essas são apenas algumas das representações da realidade urbana que se apresentam a partir de um contexto político, econômico e cultural.

As cidades passam a ser ambientes visuais, onde o "design clean" passa a ser o mobiliário urbano, como sinalização de modernidade e organização, e que se encontra presente em muitas cidades, entretanto não é o caso da cidade aqui apresentada, que em diversas vezes se mostra com visual bem poluído. Empresas privadas passam a ocupar espaços públicos como instrumentos de marketing, com fins publicitários, e em contrapartida realizam a criação/manutenção do objeto criado (que podem ser paradas de ônibus, bancos

entre outros). Desse modo a cidade passa a ser uma constante campanha publicitária dos mais variados itens de consumo. Como aponta Barbosa (2007, p. 128) "A paisagem é convertida, sob o primado de circulação de imagens, em um capital móvel do consumo seletivo e de massa." (BARBOSA, 2007)

Para Barbosa (2007) esse novo design urbano, o urbanismo décor, se apresenta como uma nova forma do empresariamento urbano, onde as cidades se apresentam como hipermercados de mercadorias. Mas além da mercantilização constante, esse novo design é estratégia do mercado capitalista, com a intenção de criar lugares atraentes, excitantes, criativos e seguros para assegurar atividades de consumo e lazer. Entretanto esse processo reproduz a lugares diferentes a mesma padronização de formas, como apontado na sequência. "Esse processo de reestruturação urbana vem impondo às cidades um catálogo de formas repetitivas e diluidoras das diferenças socioculturais qualitativas" (BARBOSA, 2007, p.129)

Contudo, nesta mesma linha de raciocínio também estão incluídos a reconstituição dos lugares histórico-culturais, mas que em boa parte não estão seriamente preocupados com a memória histórica, com as tradições populares, mas sim em utilizar como uma espécie de playground cultural como forma de atração e expansão do turismo (BARBOSA, 2007).

O urbanismo décor se mostra assim uma poderosa ferramenta de controle social, através da regulação coercitiva da vida social nas cidades e se apresenta como reprodução das hegemonias sociais. A partir dessa nova estetização do espaço são apagadas parte das memórias sociais da cidade que estão nas ruas, nas fachadas, nas praças. É perdido assim, parte da história e do vínculo com a cidade (BARBOSA, 2007).

A governança urbana tem um papel fundamental na macroeconomia, e onde a transição do administrativo urbano para o empreendedorismo urbano se torna mais saliente nos últimos anos, tem inúmeras consequências que impactam diretamente sobre instituições urbanas bem como os ambientes urbanos construídos. É importante salientar que governança urbana não se restringe apenas ao governo em si – que sem dúvidas é muito importante, mas atua mais de forma mediadora – mas ao poder de reorganização da vida urbana, através dos agentes sociais. Trata-se de um processo complexo sujeito a

inúmeros conflitos. E quando falamos sobre empreendedorismo é necessário saber quem são estes empreendedores e com qual finalidade. Em grande maioria deste “novo empreendedorismo” se estabelecem parcerias público-privadas, onde ocorre uma parceria entre ambos. Tem como característica a integração entre as iniciativas locais e os poderes governamentais locais, na procura por novas fontes de financiamentos, investimentos e empregos. Entretanto em boa parte dos casos – o que não é uma regra, logo não pode ser generalizado - por ser uma atividade especulativa, a margem de risco assumida se dá pelo setor público, enquanto os benefícios ficam com o setor privado. Outro ponto a ser levantado trata da atenção do empreendedorismo na economia política do lugar, e não no território como um todo (HARVEY, 2005).

O empreendedorismo urbano parte em princípio de pessoas de visão, habilidades, que através da coalização de forças abrem caminho para se mostrarem disponíveis ao empreendedorismo. Dentre as diversas figuras que podem representar tais papéis, Harvey (2005, p. 172) elenca alguns, “...como um prefeito carismático, um administrador municipal talentoso ou um líder empresarial rico...”, que podem assim configurar o empreendedorismo urbano para fins políticos específicos (HARVEY, 2005).

Nesse sentido as mudanças decorrentes do desenvolvimento econômico urbano impactam seriamente tanto na esfera material, como na simbólica de muitas cidades contemporâneas. Em busca das famigeradas “cidades-modelo” – aquelas geradas pelas ações de governos locais, atores hegemônicos, agências multilaterais, todos estes com interesses localizados – são criadas imagens “ideais” por esses agentes, com o interesse de torná-las dominantes e difundidas nas variadas escalas. Como aponta Sánchez (2001, p.32) “deste modo o espaço toma forma também através de representações e imagens adequadas, o que explica a importância que vem adquirindo o *city marketing* como instrumento das políticas urbanas.” Assim desde meados dos anos 90 as cidades passaram a ser tratadas como mercadorias, ocasionando a mercantilização do espaço urbano, e nesta perspectiva, a arquitetura e o urbanismo tem um grande poder de representação, ora que as formas construídas estão carregadas de valores simbólicos, podendo ser assim criados ambientes carregados de códigos de consumo (SÁCHEZ,2001).

Desse modo se configuram algumas peças chaves que propiciam o tão requerido desenvolvimento, mesmo que, por muitas vezes atenda apenas o anseio de um seleto grupo privilegiado por coalizões políticas e exclua boa parte da população de seu processo.

Embora pareçam dois assuntos distintos, a memória social está diretamente ligada ao desenvolvimento. Considerando o desenvolvimento em seu viés econômico, muitas vezes este, resulta por transformar rapidamente o ambiente construído urbano através das mudanças que estabelece para se realizar. Por consequência tem o efeito de excluir muitos ambientes construídos onde a memória social se apoia, tornando mais dispendiosa a sua lembrança, como aponta Pesavento (2008). Os moradores das cidades tem pontos de ancoragem da memória, como lugares onde há um reconhecimento por eles, onde viveram experiências, lugares que carregam uma carga simbólica, que os diferencia e identifica.

4 AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO MUNICÍPIO DE VERA CRUZ

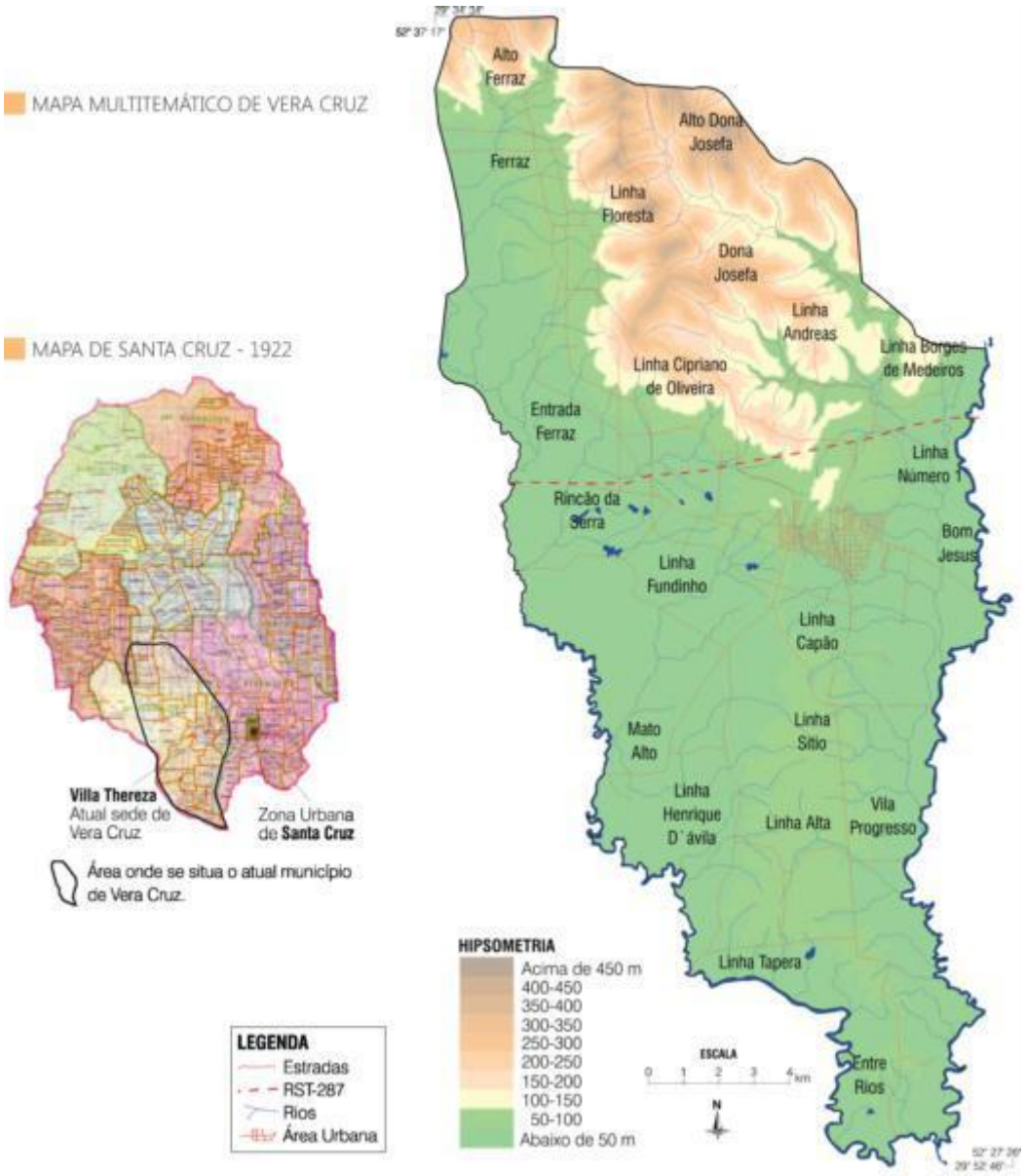
Neste capítulo será apresentado uma breve caracterização do município de Vera Cruz, bem como suas transformações no decorrer dos anos. Assim serão evidenciados, através de fotografias e relatos, algumas das inúmeras transformações urbanas que vem ocorrendo na área central do município. Essas mudanças serão evidenciadas por um grupo de residentes e de agentes urbanos. As memórias serão acionadas a partir de edificações que existiam e que hoje não existem mais, que lembram determinados lugares. Memórias que nos explicam o sentido e a força das mudanças e transformações no município.

4.1 Características sociais e econômicas no município de Vera Cruz

Frequentemente denominado como município de origem germânica, o município de Vera Cruz teve diversos outros povos muito antes dos próprios imigrantes alemães se fazerem presentes. Foram índios, negros, lusos e alemães que contribuíram para delinear os variados costumes desta terra. Certamente a colonização alemã foi a de maior impacto para o município, devido ao seu volume e intensidade (DUMMER et. al., 2009).

Vera Cruz era chamada de Vila Tereza, fazia parte do município de Santa Cruz do Sul. Teve o início do processo de sua colonização alemã em 1850 – mesmo que antes disso já se encontre vestígios da presença de outras etnias – onde sua primeira área a ser loteada foi a de Dona Josefa. Cem anos depois, o 2° Distrito de Santa Cruz do Sul (Vila Tereza), mobiliza-se para sua emancipação, o qual vem a ser publicado no Diário oficial no dia 31 de janeiro de 1959, a Lei nº 3697 de 30.01.1959, ocorrendo a instalação em 07 de junho de 1959 (DUMMER et. al., 2009). No mapa abaixo podemos verificar qual a proporção de terras que Vila Tereza ocupava quando ainda pertencia a Santa Cruz, e o mapa de Vera Cruz ao lado com a denominação de suas localidades.

Figura 2 - Mapa do Município de Vera Cruz



Fonte: Prefeitura Municipal de Vera Cruz

Como podemos ver no mapa acima a esquerda, Vera Cruz, antiga Vila Tereza pertencia ao município de Santa Cruz do Sul e representava assim uma parte da área territorial. No mapa a direita podemos analisar a ampla área do município de Vera Cruz, bem como suas diversas localidades. Passam pelo município importantes malhas viárias, como a RST 287, rodovia de grande movimento e responsável pela ligação de Vera Cruz com diversos outros municípios. A RSC 471 e a RS 409 também cruzam o município e têm grande importância na dinâmica econômica e logística.

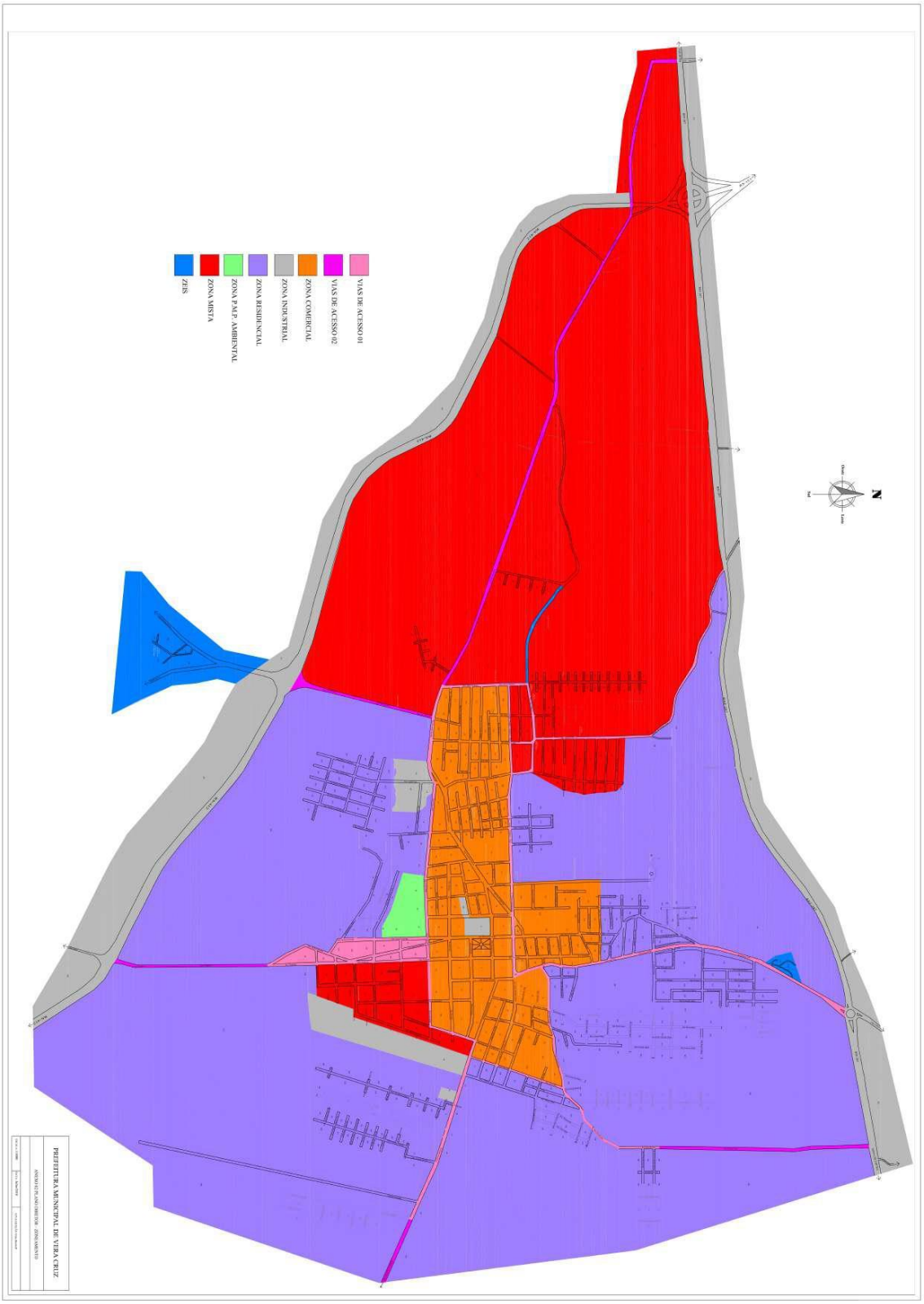
Figura 3 - Mapa da zona urbana de Vera Cruz

Fonte: Prefeitura Municipal de Vera Cruz

Acima é possível observar as principais ruas da área urbana do município de Vera Cruz. Embora a área central não seja demasiadamente extensa,

atualmente ela concentra grande quantidade de atividades comerciais e serviços.

Figura 4 - Plano Diretor de Vera Cruz



Fonte: Prefeitura Municipal de Vera Cruz

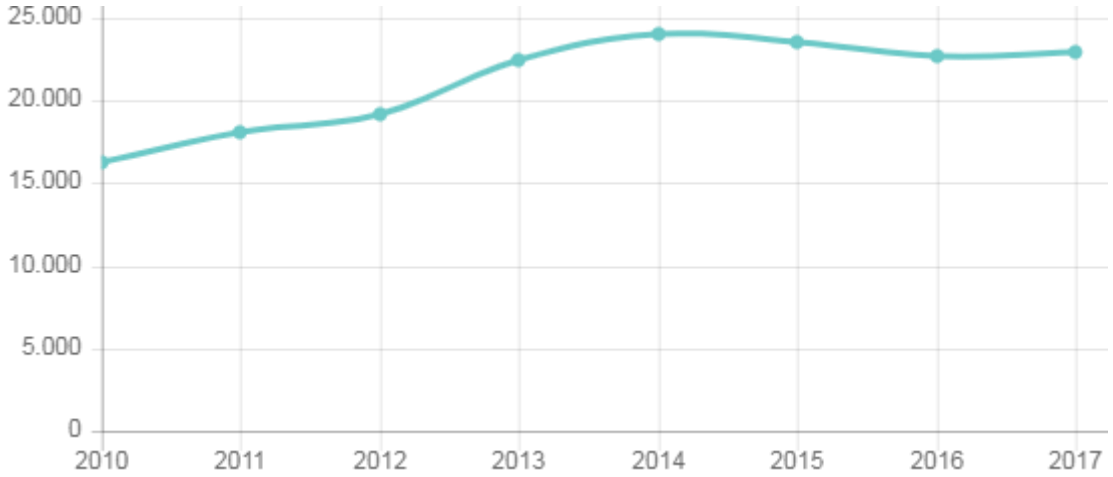
Podemos observar através do mapa do plano diretor a delimitação das áreas comerciais, industriais, residenciais entre outras. A cor rosa representa as vias de acesso 01 e a lilás as vias de acesso 02. Já a cor laranja evidencia a zona comercial, que como podemos ver fica situada na área central da cidade. Em cinza podemos observar a zona industrial e em azul claro a zona residencial. Em verde analisamos a zona ambiental, em vermelho a zona mista e em azul mais escuro a ZEIS (zona especial de interesse social).

O município vem modificando-se constantemente, alterando assim suas configurações demográficas e sociais. O município de Vera Cruz apresentava no censo de 2000 uma população de 21.300 mil habitantes, e no ano de 2010 cerca de 23.983 mil habitantes residiam no município. No ano de 2017 o IBGE estima um crescimento populacional de 11% em Vera Cruz, totalizando assim 26.618 mil habitantes. Estes números refletem diretamente uma modificação demográfica no município, que segue acompanhada de modificações no seu espaço urbano, sobretudo transformado para abrigar seus novos residentes. Em 2010, mais da metade da população, 55%, já residia na área urbana do município.

De acordo com o IBGE (2018) a área da unidade territorial do município de Vera Cruz é de 309,621km², densidade demográfica de 77,46 hab/km² (IBGE, 2010), onde 74,2% (IBGE, 2010) dos domicílios apresentam sistema de esgotamento sanitário adequado. A taxa de mortalidade infantil média é de 7,60 para cada mil nascidos vivos (IBGE, 2017) e a taxa de escolarização de crianças de 6 a 14 anos é de 99% (2010). O índice de desenvolvimento humano municipal é de 0,737 (IBGE, 2010) e o PIB per capita é de R$ 22.941,34 (IBGE, 2017).

No gráfico a seguir podemos observar através dos dados do IBGE, o histórico do Produto Interno Bruto (PIB) per capita do município desde o ano de 2010, com um aumento considerável nos anos de 2012, 2013 até 2014 quando diminui e se mantém de modo mais estável até o último dado que temos acesso de 2017.

Figura 5 - PIB per capita do município de Vera Cruz



Fonte: IBGE

A partir do banco de dados regionais disponibilizados pelo portal do Observatório do Desenvolvimento Regional (OBSERVADR) foi possível observar qual a população economicamente ativa – atualizada em 2017. População baseada no censo de 2010-, considerando pessoas com 10 anos ou mais, representada então por 14.070 pessoas, onde 6.393 destes residentes são considerados rurais e 7.676 urbanos.

A respeito dos empregos formais, no ano de 2017 o setor de serviços é o que mais concentrava trabalhadores no município, tendo 1.681 trabalhadores formais vinculados a esse setor, como podemos observar na tabela apresentada abaixo:

Quadro 1: Empregos formais por setor no município de Vera Cruz

Setores	2017	2016	2015	2014	2013	2012	2011	2010
1 - Indústria	1342	1248	1207	1715	1745	1816	1803	1849
2 - Construção Civil	132	135	140	177	167	126	103	142
3 - Comércio	1201	1149	1118	1126	872	920	837	800
4 - Serviços	1681	1567	1613	1691	1523	1343	1251	1156
5 -Agropecuária	6	7	8	40	45	40	36	35
Total	**4362**	**4106**	**4086**	**4749**	**4352**	**4245**	**4030**	**3982**

Fonte: Observatório DR. Elaborada por Fabiana Post, em 27.08.2019, partir de dados da RAIS – Ministério do Trabalho

Os empregos por subsetor apresentam de forma mais detalhada em que tipo de trabalho estão alocados os trabalhadores formais no município, como podemos analisar na seguinte tabela.

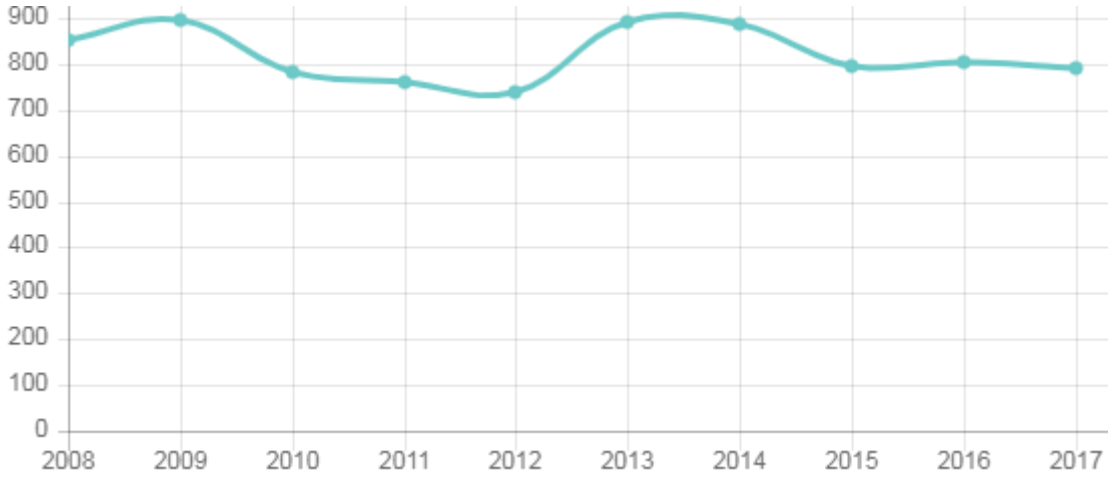
Quadro 2: Empregos formais por subsetor em Vera Cruz no ano de 2016

Produção Mineral Não Metálico	17
Metalúrgica	103
Mecânica	20
Elétrico e Comunicação	340
Transporte	136
Madeira e Mobiliário	23
Papel e Gráfica	32
Borracha, Fumo e Couros	138
Química	22
Têxtil	116
Calçados	220
Alimentos e Bebidas	52
Comércio Varejista	774
Comércio Atacadista	375

Fonte: Elaborado por Josiane Silva, com base nos dados disponibilizados pelo Observa DR oriundos do RAIS/CAGED.

De acordo com o IBGE o número de empresas atuantes em Vera Cruz no período de 2009 e 2013 se apresentava bem mais atrativo. Eram respectivamente 896 e 891 empresas atuantes, enquanto que no ano de 2017 são 791, o que significa uma redução em um curto período de tempo. Entretanto não podemos deixar de lado o crescimento ocorrido no ano de 2012 para 2013, possivelmente possibilitado por novos loteamentos e políticas públicas que deram incentivo para tais empreendimentos.

Figura 6 - Índice de empresas atuantes no município de Vera Cruz



Fonte: IBGE

No Ministério da Economia (BRASIL, 2019) foi possível encontrar ainda dados mais recentes a respeito do perfil econômico do município. Os dados mais recentes sobre admissões e desligamentos são de novembro de 2019, onde num total de 1.146 estabelecimentos, foram admitidos 150 trabalhadores formais e desligados 107, totalizando assim 58,37% de admissões *versus* 41,63% de desligamentos. Dentre os cargos com maior admissão estão os de vigilante e o trabalhadores da cultura de fumo – precisando ser considerado o período de safra no município, e que muitos dos trabalhadores rurais trabalham de modo informal-, seguidos posteriormente por motorista de caminhão e vendedor de comércio varejista. Abaixo podemos verificar a lista das 20 maiores empresas de Vera Cruz no ano de 2019:

Figura 7 - Lista das maiores empresas de Vera Cruz

Ordem	Maiores empresas 2019 VAF (Valor adicionado fiscal)
1	CVI REFRIGERANTES LTDA
2	C L P TABACOS DO BRASIL LTDA
3	MEDILAR IMPORT DIST DE PROD MEDICO HOSPLS SA
4	MOR DISTRIB LTDA
5	HAND STRIP DESTALAMENTO DAS FOLHAS FUMO EIRELI
6	MERCADO BACK LTDA
7	ARNOLDO PICK CIA LTDA ME
8	COAGRISOL COOP AGROINDUSTRIAL
9	SUPERALEGRIA LTDA
10	CM DISTRIB LTDA
11	AZTEKA IND E COM LTDA
12	LOJAS BECKER LTDA
13	BENOIT ELETRODOMESTICOS LTDA
14	ASSMANN FLEMMING LTDA
15	DREBES CIA LTDA
16	ARCIDO AUTO PECAS LTDA
17	GIOVANE F PICK LTDA
18	SULPRINT EMBALAGENS INDUSTRIAIS LTDA
19	GIOVANE F PICK LTDA
20	ROSELEI H THEISEN CIA LTDA

Fonte: Prefeitura Municipal de Vera Cruz

Como mencionado anteriormente, fazendo divisa com o município mais dinâmico do Vale do Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Vera Cruz acaba por ser influenciada nos variados processos que dão suporte as atividades a este importante núcleo urbano. Em uma pesquisa realizada por Silveira e Brandt, como base em dados censitários, em 2010, 25% da população ativa vera-cruzense realizava deslocamento pendular para trabalho ou estudo em direção a sua cidade vizinha. (SILVEIRA e BRANDT, 2017)

4.2 Entre relatos e memórias: as transformações urbanas na área central do município de Vera Cruz

Através de relatos coletados por meio de entrevistas semiestruturadas de distintas pessoas que participaram da pesquisa sobre as transformações de Vera Cruz e fotografias que demonstram as diversas fases que marcaram essas transformações, foi possível fazer um resgate histórico do município elencando seus principais marcos históricos, bem como suas relações e decorrências para o desenvolvimento urbano de Vera Cruz.

Em 1950 Vila Tereza já contava com a agricultura como base sólida de sua economia, indústrias do ramo do tabaco e bebidas, oferecendo emprego aos trabalhadores. Comércio, profissionais liberais entre outros também se encontravam em um momento de ascensão econômica, juntamente com os demais serviços como educação, lazer e esporte. Daí surge a ideia e o desejo da emancipação. O município de Vera Cruz se emancipa de Santa Cruz do Sul em 1959, e desde aí apresenta diversas modificações em sua estrutura inicial. (DUMMER et. al., 2009)

Desse modo na década de 50 o assunto da emancipação estava entre os pontos altos das reuniões entre políticos locais e residentes. O famoso galeto Kurtz como era mencionado, era o local de encontro de muitos veracruzenses que se reuniam no centro da cidade para confraternizar. Ali muitos líderes se reuniam para discutir a emancipação da então Vila Tereza. Alguns pontos marcaram profundamente a vida dos vera-cruzenses e o galeto Kurtz como lembra o atual prefeito Guido Hoff era um deles:

> O ponto central onde todo mundo convergia, era o galeto Kurtz. Ele era famoso basta dizer que lá os líderes da emancipação se reuniam de tardezinha para discutir a emancipação da então Vila Tereza. Quando eu fui vereador a primeira vez, as reuniões da câmara eram lá no Galeto Kurtz (GUIDO HOFF, 2019).

Outra moradora da cidade conta um pouco sobre a sua história de vida e lembra com carinho do estabelecimento que hoje não existe mais: “outra coisa que ainda permanece um pouco é o prédio onde é a floricultura Casa Flor, que era o Galeto Kurtz. Uma parte ainda. E eu trabalhei quase três anos lá, no antigo e famoso Galeto Kurtz (MARIA, 2019).

Figura 8 - Galeto Kurtz

Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

Figura 9 - Galeto Kurtz

Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

O prédio contínua no mesmo local, entretanto abriga agora uma floricultura, uma papelaria e ainda serve de moradia no andar superior. Algumas reformas foram efetuadas para atender as demandas do setor de serviços instalado.

Figura 10 - Prédio nos dias de hoje, onde era o Galeto Kurtz

Fonte: Autora

Em relação do desenvolvimento econômico do município, Angelo Hoff, diretor de extensão e relações comunitárias da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), que morou por muito tempo no município e conviveu com algumas pessoas que viveram e testemunharam a história vera-cruzense relata alguns momentos importantes da história do município, separando-a em três ciclos para uma melhor compreensão. Inicia delimitando temporalidades econômicas distintas que marcaram o desenvolvimento urbano do município:

> Vou classificar os 60 anos de desenvolvimento do município de Vera Cruz em três etapas os primeiros 20 anos de 1959 até 1980, o segundo ciclo de 1980 até 2000, e o terceiro de 2000 até 2020. Começando pelo 1º ciclo, Vera Cruz se emancipa no ano de 1959 é uma comunidade relativamente pequena com 5000 habitantes aproximadamente e que tinha sua economia baseada no setor primário, na agricultura já experimentando no 1º ciclo o desenvolvimento do tabaco e também com o cultivo de arroz milho e soja. A economia do recente município emancipado era baseada basicamente no setor primário, o setor secundário a indústria ainda eram bastante tímidos com pouquíssimos estabelecimentos comerciais na indústria de tabacos Lopes Sá e a indústria de bebida Celina. Eram 2 empresas no ramo industrial que se destacavam cada uma com mais de 100 empregos diretos (ANGELO HOFF, 2019).

A Indústria de bebidas Celina teve grande importância no processo de desenvolvimento e urbanização da cidade, representado também como marco de identidade territorial para o município. Permanece ativa até hoje entretanto teve alterações em seu modo de produzir, que hoje se dá apenas pela produção de agua mineral, como aponta a entrevistada e residente Maria, “o que era a Celina, a parte da frente já está tudo alugado, correio, restaurante, banco, tudo alugado, mas pra trás ainda ficou, mas não é mais Celina”. Ela lembra com saudade do famoso refrigerante Abacate Celina. Ela nos conta que “Isso é a única coisa, mas Celina, Celina nada mais. E tu vê em 22 ia fazer 100 anos. E tinha o abacate Celina que só era feito aqui, era deles”.

Figura 11 - Fábrica de Bebidas Celina

Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

Abaixo podemos observar uma das primeiras empresas do ramo do tabaco que se instalou em Vera Cruz antes mesmo de sua emancipação. A Empresa Lopes Sá representou uma das pioneiras no ramo industriário de Vila Tereza.

Figura 12 - Empresa Cia Lopes Sá Industrial de Fumos

Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

> O setor terciário, venda de serviços de bens materiais era quase inexistente, havia poucos estabelecimentos comerciais, uma farmácia, um hospital, uma loja de material de construções, enfim ainda bastante tímido, por que naquele momento é importante também fazer uma leitura do momento em que o Brasil estava passando, governo federal vivia a experiência do governo do Juscelino Kubitschek, 1956 a 1961, o plano de metas a transição do Brasil agrário pro Brasil industrial e o setor fumageiro experimenta nesse período uma forte industrialização. As empresas familiares que eram tradicionais na primeira metade do século 20 começam a exportar e o marco da internacionalização do setor tabaco se dá na metade dos anos 60 com o aumento do volume de tabaco exportado. Vera Cruz como todos os municípios da época tinha o seu desenvolvimento ainda numa fase bem inicial, o setor público, prefeitura, com poucos funcionários, e o serviços de água, esgoto, de infra estrutura bastante tímidos ainda para uma localidade pequena. Foram basicamente 20 anos neste mesmo ciclo (ANGELO HOFF, 2019).

Conforme o entrevistado Angelo, o setor terciário ainda era um tanto tímido. Atualmente o Hospital de Vera Cruz continua atendendo e tem sua fachada preservada.

Figura 13 - Hospital de Vera Cruz

Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

Figura 14 - Hospital Vera Cruz nos dias de hoje

Fonte: Autora

Como podemos ver, o prédio que abriga o Hospital Vera Cruz continua sendo utilizado, foi preservado no decorrer dos anos. É interessante ressaltarmos aqui que quando não há um valor econômico envolvido, como o da possibilidade do uso comercial, ou ainda da possibilidade de especulação por parte do mercado imobiliário as mudanças parecem mais distantes, visto que o prédio é do município de Vera Cruz.

> Um segundo ciclo dos anos 80 aos anos 2000 já experimentamos um aumento exponencial da população passando de 5, 12, 15, 17 mil habitantes, fruto dessa migração percebida no Brasil inteiro do êxodo rural, as pessoas se movimentando mais para os centros urbanos. O setor primário nesses 20 anos continua sendo a base economia, o setor fumageiro destacadamente sempre liderando a balança aí de exportação do produto, agora também o setor secundário de indústria como país inteiro passa por um processo tem de industrialização, Vera Cruz também experimenta uma fase de diversificação. Nos anos 80 tivemos aí indústrias calçadistas como Travesso a Potira, indústrias de vestuário como Arcal metalurgia Kopp tecnologia começando também a se destacar nesse ramo de indústria. O aumento da prestação de serviços em todos os anos, então nesse período o PIB de Vera Cruz aumenta consideravelmente, o Brasil experimenta 20 anos de estagnação industrial e Vera Cruz experimenta um crescimento acima da média nacional (ANGELO HOFF, 2019).”

Abaixo temos imagens da empresa Kopp tecnologia, empresa fundada em 1974 que permanece até os dias de hoje com suas instalações no município, no mesmo local em que aparece na imagem, em uma das principais vias de acesso para Vera Cruz. A empresa atualmente figura entre as maiores indústrias brasileiras na área de tecnologias e soluções para o trânsito de acordo com informações retiradas de seu endereço virtual.

Figura 15 - Kopp tecnologia

Fonte: URGS

> Ainda nesse período é importante destacar a venda da empresa Vera Fumos que era de propriedade familiar para segmentos internacionais, dando um novo patamar para o ramo do tabaco na cidade. A primeira foi a Dibrell depois ela foi comercializada e uma nova corporação assumiu a Dimon e pôr fim a KBHC seguimento de internacionalização traz também uma possibilidade de empregos melhores remunerados na cidade. A recessão por outro lado no setor industrial faz com que as empresas de calçado fechem, empresas de vestuário fechem, o setor de metalurgia enfrente um crise como país inteiro passa pelos anos 90 por fortes crises econômicas e fazendo com que a aja uma depressão no volume de emprego do setor secundário (ANGELO HOFF, 2019).

Deste modo, a chegada do capital internacional do tabaco interfere consideravelmente nos processos de desenvolvimento e urbanização do município, refletindo assim diversas mudanças na paisagem urbana do município. Entretanto sua volatilidade fez com que, no passar dos anos considerasse outro território mais vantajoso do que o de Vera Cruz. Podemos observar abaixo, as duas imagens de fumageiras que se instalaram no município, mas que não permanecem mais aqui. No prédio onde aparece o

escritório da empresa Dimon, hoje se encontram agência bancária, registro de imóveis, cartório, advogados e alguns estabelecimentos comerciais.

Figura 16 - Empresa Dimon

Fonte: URGS

Figura 17 - Prédio com agência bancária e outras instalações

Fonte: Autora

Figura 18 - Empresa KBHC

Fonte: URGS

O 3º ciclo de 2000 a 2020 Vera Cruz já ultrapassa a barreira de 20 mil habitantes, há uma crise no setor de tabaco que era o motor primário da economia municipal com a saída da empresa Dimon e depois

> também com a com o fechamento da KBHC. Por outro lado indícios de outros ramos como na área de tecnologia uma rápida expansão da Kopp, setor de piscinas, de medicamentos, construção de barcos, enfim compensando um pouco o déficit nesse campo do setor secundário. O que explode nesse período é a prestação de serviços, a gente percebe que no município nós temos em todas as áreas do desenvolvimento econômico empresas no ramo terciário que prestam serviços para a comunidade, contudo ainda o principal motor econômico do município continua sendo agricultura liderada pela produção de tabaco (ANGELO HOFF, 2019).

No prédio onde estavam as instalações da KBHC, em boa parte dele, não se estabelece nenhuma atividade no momento. No período atual o prédio que abrigou por muitos anos as grandes indústrias fumageiras em Vera Cruz encontra-se praticamente “abandonado”. Guido Hoff destaca:

> O que eu lamento, o que representava 85 % da arrecadação do município de Vera Cruz que era a Verafumos, hoje está virado as traças, a Verafumos foi para a Alliance para Dibrell, depois para KBHC e depois começou a retroceder e agora virou naquilo que tá lá, está empenhada pelo Banrisul e não se sabe o que fazer daquele lugar tão nobre e tão bonito. Não tem o que aproveitar lá basicamente, só demolindo. Já fizeram dois leilões e ninguém se habilitou (GUIDO HOFF, 2019).

Outra moradora da cidade relata sobre o grande prédio na área central da cidade desativado, sem alguma utilidade. “Uma pena as empresas grandes, calçados como era forte na cidade... esse prédio no centro da cidade que era da fumageira parado, tu entendeu, isso eu acho triste. (Heloísa Assmann, 2019)”

A imagem abaixo torna possível analisarmos o tamanho do prédio que era utilizado pela fumageira e hoje encontra-se desativado, sem alguma utilidade. Ele ocupa praticamente uma quadra e está situado na direita da foto apresentada. Embora a foto seja um pouco mais antiga e muito da paisagem já tenha sido alterada, podemos observar as principais ruas da área central, bem como a Igreja Evangélica (situada na esquerda) e a Igreja Católica (situada na direita da imagem), e a famosa “Caixa d’agua” na esquerda da imagem. Como podemos ver, essa pequena área arborizada representa um dos poucos espaços públicos disponibilizados a lazer da sociedade de Vera Cruz, a praça central José Bonifácio.

Figura 19 - Foto aérea da área central do município de Vera Cruz

Fonte: Elisangela Johann

Angelo Hoff observa que há um período de forte expansão no número de novos loteamentos no município, necessitando de aprimoramentos constantes da infraestrutura para dar conta das novas demandas e anseios da comunidade.

> Na área de infraestrutura se experimenta uma explosão do número de loteamentos na cidade fruto também de uma política nacional de expansão de crédito imobiliário principalmente as políticas públicas do minha casa minha vida, que fazem com que a oferta de terrenos e também de novos loteamentos seja exponencial no município. Ainda nesse período é importante dizer que Vera Cruz tem uma nova característica ela começa a atrair também moradores de santa cruz que acabam comprando lotes e construindo suas casas no município de Vera Cruz por conta da proximidade seu local de trabalho, pela tranquilidade, a gente experimenta também um novo ciclo aí de mudança do perfil de moradores. Isso faz com que também os serviços públicos na área de infraestrutura, água, esgoto, sejam mais demandados. E hoje a gente tem aí um volume represado, é bastante grande o estoque por conta do Brasil que experimentou aí uma explosão imobiliária e depois em 2014 com a quebra do governo federal a interrupção desta política pública (ANGELO HOFF, 2019).

Nesse sentido percebemos mudanças que interferem diretamente na paisagem urbana do município, como ressalta o entrevistado e engenheiro

Gilberto Frantz que evidencia a facilidade de deslocamento de Vera Cruz a Santa Cruz do Sul:

> O aspecto da construção em Vera Cruz, eu acho que ela tá tomando um aspecto diferente, uma valorização diferente, por que nós estamos aqui incorporando muito o santa-cruzense né, também é uma outra coisa que influencia na construção, por que é muito mais fácil tu ir do centro de Vera Cruz ao centro de Santa Cruz, do que ir de qualquer bairro de Santa Cruz ao centro de Santa Cruz (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Com um constante crescimento populacional, Vera Cruz vem passando por transformações em sua área central, sobretudo, com o propósito de atrair e oferecer aos seus habitantes uma estrutura habitacional e comercial condizente com o seu crescimento demográfico. Assim percebemos, a partir de análise exploratória de fotografias e por meio da categoria da historicidade, as principais mudanças sociais e econômicas que marcam a paisagem do centro urbano do município de uma década para outra, impulsionadas com implemento de novos loteamentos e de transformações urbanas de áreas já construídas. É importante ressaltar que tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem.

A respeito das distintas transformações que por hora vem sendo apresentadas Ferrara (1988, p.4) ressalta que “a transformação da cidade é a história do uso urbano como significado da cidade. Sua vitalidade nos ensina o que o usuário pensa, deseja, despreza, revela suas escolhas, tendências e prazeres”. Assim Ferrara (1988) complementa que o modo como nos apresentamos, as escolhas que fazemos frente as coisas mais banais que possam parecer, como a escolha da roupa, tipo do tecido, cor, o modo com o qual optamos para nos locomovermos (carro, ônibus, a pé), explicitam o nosso modo de ser, a identidade como classe social, transparecendo assim a imagem que queremos passar e os nichos com os quais queremos nos relacionar.

Juntamente com novos lotes de moradias e aumento gradual da população no município de Vera Cruz, a área central da cidade vem se modificando constantemente para suprir novas necessidades e atender assim aos novos usos e funções desse espaço, como podemos ver nas imagens abaixo sobre os prédios históricos que compunham a paisagem urbana e agora

não mais fazem parte da mesma. Eles trazem diferentes tipos de arquitetura, atrelados a origem dos primeiros imigrantes que estiveram por aqui e estabeleceram suas construções de acordo com as condições climáticas e necessidades dos seus países de origem, como aponta o engenheiro Gilberto Frantz:

> Nessa área da preservação do patrimônio histórico, dos prédios históricos, o que é o prédio histórico, ele conta nossa história de vida, dos alemães, os italianos, todos têm jeitos diferentes de construir, tu vê que os alemães mais antigos trouxeram na ideia aquela construção de telhados muito bicudos, muito elevados, porque na Alemanha tem neve, muito frio, então, em Santa Cruz tem muita casa com calefação, por que os primeiros alemães que construíram casas que estão hoje com 80, com cento e poucos anos (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Quando perguntado aos entrevistados sobre as mudanças que veem ocorrendo na cidade, os motivos delas estarem acontecendo e quais os principais agentes promotores de tais mudanças, uma residente observa que:

> Eu acho que cresce muito a cidade, eles estão abrindo muitos loteamentos, porque tu vê abre um loteamento, logo tá construído, e com isso o comércio também cresce. A gente está vendo como investem em Vera Cruz, como abrem lojas aqui, e o pessoal gosta do município de Vera Cruz. Eu sempre acho, claro que é muito difícil tu conservar, já tem que ter um movimento bem grande se não abre e logo fecha né, mas sempre é aquela vontade de crescer. (NORMA FRANKE, 2019).

Um dos locais centrais de Vera Cruz abrigava também a Casa Pastoral da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Vera Cruz que era responsável por abrigar o pastor e sua família durante o período em que eles atuavam no município. Além do Pastor e sua família, também abrigava visitantes e estagiários da comunidade luterana evangélica. Além da ampla construção, havia um grande pátio com área verde onde diversas crianças da comunidade evangélica brincavam com os filhos do Pastor. A casa construída em 1932 fez parte da história de muitos vera-cruzenses.

> A casa pastoral, por exemplo, minhas gurias eram pequenas e os filhos do pastor se criaram juntos, então a gente confraternizava nos aniversários e depois foi mudando, ampliaram aqui, ali sabe, tudo foi mudando. (MARIA, 2019)

Quando indagados sobre a preservação ou não de prédios históricos, como a Casa Pastoral, Dona Norma Franke conta sobre as várias opiniões e diversas reuniões que foram feitas até a decisão definitiva de vendê-la.

> Isto era uma questão... eu achava que sim, porque foi uma pena, porque essas casas eram muito bem construídas e é uma história que ia ficar né. Inclusive meu marido estava muito contra quando a comunidade vendeu, mas foi e foi, e tinha que investir muito dinheiro para a reforma, porque ela tinha cedido e tinha muitas rachas, a iluminação, parte hídrica, tudo, tudo tinha que ser. Tinha um porão então sempre, sempre umidade então tudo isso foi posto em pauta. E houve muitas reuniões, bastante reuniões, até que então decidiram que realmente tinha que ser feito, mas para muita gente, hoje ainda está sendo assim bem difícil que essa casa foi derrubada (NORMA FRANKE, 2019).

Figura 20 - Casa Pastoral da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Vera Cruz

Fonte: Comunidade Evangélica

No local que antes servia como moradia e ponto de encontro dos membros da comunidade evangélica agora se apresentam dois grandes prédios que abrigam dois tipos distintos de negócio, uma farmácia e uma loja de eletrodomésticos, ambos com arquitetura contemporânea semelhante.

Figura 21 - No local que era a Casa Pastoral Evangélica, agora salas comerciais

Fonte: Autora

Outro exemplo que podemos citar trata-se da casa que será apresentada abaixo e já teve inúmeras utilidades. Já foi moradia, salão de beleza, bar e restaurante. Era uma das construções mais antigas da cidade, construída no ano de 1925. Como Vera Cruz não dispunha de muitos atrativos, quando funcionava o bar naquele local, tornou-se um ponto de encontro para muitos vera-cruzenses e visitantes, que se reuniam ali para conversar e se divertir. Estava localizada em uma das principais ruas da área central da cidade, na Rua Cláudio Manoel. A entrevistada conta que:

> Isso era do meu sogro, daí quando nós íamos casar ele disse, vocês podem ir morar lá nessa casa. Mas lá já teve escola, dentista, delegacia de polícia, instituto de beleza e depois moradia. E depois ainda que nós saímos dali foi bar/pizzaria/ restaurante. Nós moramos 38 anos, casamos e fomos morar ali, 38 anos nós moramos ali (MARIA, 2019).

Quando indagada sobre as lembranças de sua casa, de como era o local em que eles moravam, Maria relembra do barulho e do vandalismo que se tornou intenso nessa área central:

> No começo eu gostava sim, mas depois era insuportável. Meu marido só dizia, parece que a gente mora num inferno. Barulho, a praça... destruição na frente de casa. Eu tinha plantas, árvores de sombra, eles bebiam, ficavam as garrafas, tudo aquilo atirado para dentro do pátio. Quando eu disse para uma amiga minha, eu disse olha nós vamos vender e eu vou sair de lá, aí ela disse “Maria não sai, tu fez a tua vida, tu criou as tuas filhas”, aí eu disse: não. Tu não conseguia conversar dentro de casa, tu tinha que fechar a janela para poder conversar, o barulho era demais. Não podia deixar uma janela aberta. Então, no começo tudo bem deu e tudo, mas depois começou a ficar bem insuportável (MARIA, 2019).

Figura 22 - Rua Cláudio Manoel nos primeiros anos de Vera Cruz

Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

Mesmo com grande modificação no decorrer da Rua Cláudio Manoel, como podemos observar na fotografia abaixo, o imóvel construído no ano de 1925 permaneceu edificado até poucos anos quando a propriedade foi vendida pela família.

> Foi assim, muitos vieram perguntar, mas nós tivemos uma proposta que não dava pra perder. Minha filha voltou de São Paulo e aí quando foi no outro dia veio uma ligação de Lajeado e foi à vista... tinha outros que queriam mas sabe lá, ou queriam dar uma sala comercial...isso eu não queria. Eu tinha medo que ia sair nessa coisa de preservar do patrimônio histórico, eu disse, eu não tenho condições porque eu não sou aposentada eu tenho só a pensão dele. E o nosso prédio foi assim, a gente vendeu e eles demoliram, assumiram, o que deu ele conseguiu vender ainda, porque tanto os barrotes em cima, aquilo era tudo

> maderão grosso, a parede era feita não era com cimento e areia, era com barro. Eu no caso não tinha condições de manter aquilo e preservar. E já não era mais viável eu ficar ali (MARIA, 2019).

Figura 23 - Rua Cláudio Manoel ainda com o prédio histórico de 1925

Fonte: Google maps

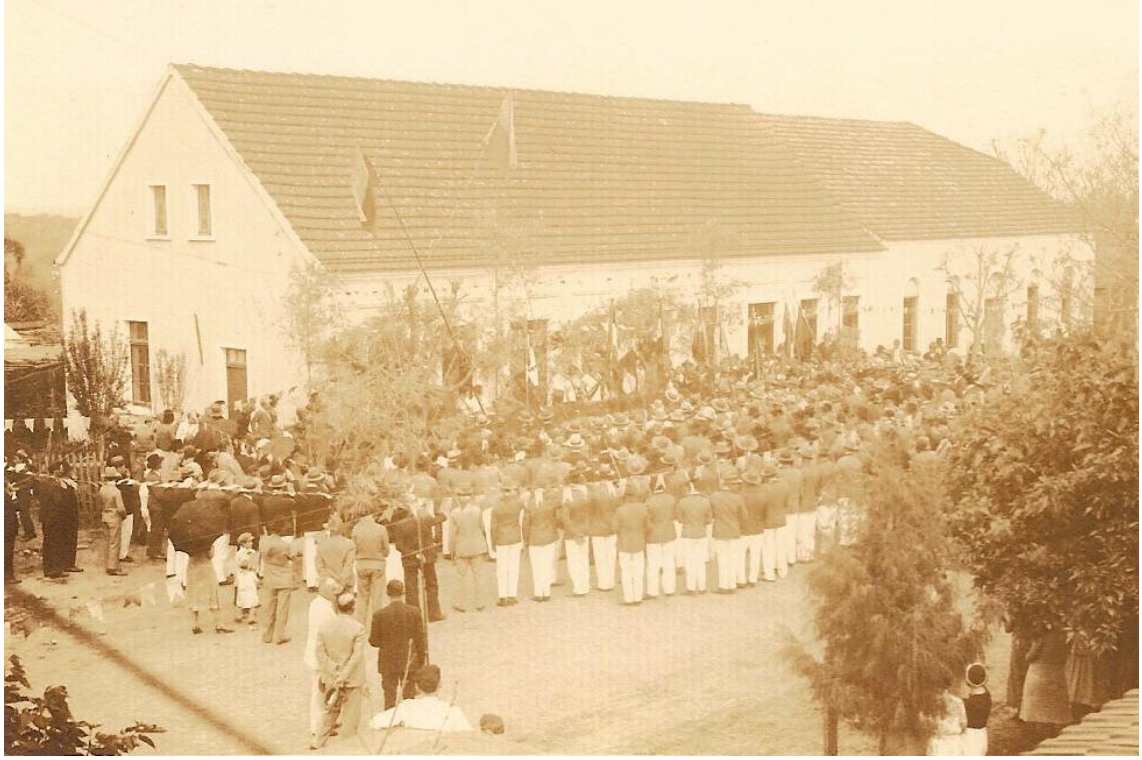
Com fachada homogeneizada, agora no local antes da casa antiga que já serviu de moradia para tantos, há salas comerciais, que alocam uma loja de tintas, uma loja de bazar e costura, e uma igreja. Assim, percebemos os novos usos do espaço urbano modificando a paisagem urbana do município.

Figura 24 - Rua Cláudio Manoel sem o prédio histórico de 1925

Fonte: Autora

O Salão Brandt também se tratava de um dos principais pontos de encontro da primeira fase do município. A tardinha quando os trabalhadores da Verafumos eram liberados passavam por ali para “marcarem o ponto”. Era salão de baile e abrigava até um cinema. “Como era ali onde o vô do Dula morava, era salão de baile, onde agora é o Back e depois o Hotel dos Petterson, tinha salão de baile e tudo. Tinha Cinema! Tinha cinema! Eu frequentava... (MARIA, 2019)”. Guido Hoff também lembra do “point” onde “O salão Brandt, o progresso demoliu. Aquele bar de tardezinha... saiam de tardezinha da Verafumos e o pessoal tinha que marcar o ponto e seguir. E se transformou hoje no mercado Back.”

Figura 25 - Salão Brandt



Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

Hoje, no local onde era o Salão Brandt, é o supermercado Back, que figura entre as 20 maiores empresas da cidade. Ao lado esquerdo do supermercado tem-se o Café Back.

Figura 26 - Mercado Back

Fonte: Autora

A casa que apresentaremos abaixo fazia parte da paisagem urbana de uma das principais ruas do município. Entretanto, há alguns anos atrás, foi destruída, supostamente quando surgiu boatos da possibilidade de um grupo para preservação de prédios históricos.

> Quando saiu o comentário que poderia ser formado um grupo para preservação de prédios históricos, tombar prédios históricos, bah, na mesma semana os caras da casa, estava fechada, aí os caras foram lá meteram a retro e demoliram o casarão antigo... não tem mais resquício nenhum da história ali (GILBERTO FRANTZ, 2019).

A entrevistada Norma Franke lembra também dessa casa antiga, que ficava em frente à prefeitura e que a marcou bastante. " Uma que não existe mais, era uma bem antiga, aquela esquina ali que era do Ico que agora tem uns automóveis, do outro lado da prefeitura". Ela conta o porquê das lembranças referente a este espaço: "a gente ia bastante lá, morava uma senhora idosa e a gente foi visitar ela muitas vezes. O pessoal da OASE ia lá, e mesmo eu ia as vezes lá, gostava de conversar com ela, e isso marcou assim."

Figura 27 - Esquina em frente a prefeitura

Fonte: URGS

Atualmente no local que se localizava a antiga construção está um estacionamento sem estrutura adequada, utilizado pela prefeitura de Vera Cruz.

Figura 28 - Esquina em frente a Prefeitura atualmente

Fonte: Autora

Outro prédio importante que fez parte da história de Vera Cruz trata-se da Casa Assmann. Construída por Pedro José Assmann, e posteriormente assumida por Emílio Osmundo Assmann, a Casa Assmann fez parte da vida de muitos vera-cruzenses. Localizada em uma das principais ruas da área central da cidade, a esquina chegou até a ser referida como “Esquina do Assmann”.

Figura 29 - Casa Assmannn

Fonte: Acervo Histórico Municipal e Jornal Arauto

Em 2019 a Casa Assmann encerrou suas atividades comerciais e vendeu toda a esquina que alocava o prédio. A rede de lojas Becker comprou, demoliu o antigo prédio e planeja agora construir. O entrevistado engenheiro Gilberto Frantz observa o seguinte a respeito da Casa Assmann “então uma casa que nós perdemos que conta a história de Vera Cruz, passou por ali, é a história da antiga casa Assmann né, ali teve cinema antigamente, a história de Vera Cruz passou por ali…”. Entretanto Heloísa Assmann, que morava no prédio conta que era bom morar ali, mas tinha bastantes problemas, e acredita que o melhor destino para o imóvel é comercial.

> Eu morava numa esquina muito famosa aqui de Vera Cruz, esquina do Assmann, e era bom morar ali, era bem no centro, e hoje eu continuo morando no centro, eu acho que eu não conseguiria morar hoje que não fosse nessa área. Querendo ou não, tá perto de tudo né. E morei ali muito tempo, mas hoje estou muito feliz onde eu moro, porque lá era muito velho, muito antigo, tinha bastante problemas muita zueira na praça, lá a gente ouvia tudo, aqui eu não escuto nada. Acho que ali tem que ser comercial mesmo.
> Eu acho bom a Becker ter colocado abaixo ali e fazer um prédio novo, porque se era pra continuar não sei mais quantos anos isso ia do jeito que estava...uma loja velha ali, que eu não sei mais se tinha um lucro

> real, ou se estava empatando, querendo ou não vão gerar mais emprego, vai gerar mais movimento pra cidade. Uma pena as empresas grandes, calçados como era forte na cidade... esse prédio no centro da cidade que era da fumageira parado, tu entendeu, isso eu acho triste. (HELOÍSA ASSMANN, 2019).

Indagada sobre se tinham medo que a Casa Assmann fosse tombada Heloísa Assmann, fortalece que sim, pois, se isso viesse a acontecer a venda seria praticamente impossível e os recursos necessários para a manutenção do prédio não seriam suficientes pela família, ora que não havia nenhum incentivo público.

> Eu tinha muito medo, se fosse tombada nós não conseguiríamos vender né e também pelo fato de manter sem nenhum auxílio. Então eu particularmente tinha. A minha mãe deixou tudo para mim e o Cé decidir, o meu medo de tombar foi pensando em mim também, em manter depois. Porque o que diz a legislação, se tu tomba, tu tem que manter alguns padrões, então quem comprasse aquilo ali não ia conseguir manter. O terreno todo em desnível, do jeito que tava tu tinha um porão morto, não ia conseguir aproveitar, esse era o meu medo mais porque eu sei que ia ficar "empacado" na família e ninguém na família ia ter o dinheiro para fazer o investimento (HELOISA ASSMANN, 2019).

Figura 30 - Esquina que abrigava a Casa Assmann

Fonte: Grazielle Betina Brandt

Mesmo com diversas mudanças na arquitetura urbana do município, ainda podemos ver alguns prédios como o da futura casa de cultura, que permanece preservado em função da ajuda de instituições para seu restauro, tendo em vista que a prefeitura não conseguiu finalizar a restauração em virtude de troca de governos e pensamentos divergentes. Compreendendo os custos implícitos a conservação/ restauro de um prédio antigo, Maria aponta:

> Muito custo, muito gasto. Tu vê quanto tempo esse prédio ali que é pra ser o museu está sendo reformado. Ganham investimento não chega, fica parado, estão destruindo já parte de novo. Dizem que tem que preservar, mas não tem o que paga. Nessa casa onde vai ser o museu foi arrancado tudo, nessa casa eu também frequentava, porque os sobrinhos deles lá eram minha vizinha (MARIA, 2019).

A casa de cultura, apresentada abaixo, é do ano de 1918 e vem sendo restaurada para em breve abrigar o Museu Municipal. Diversas restaurações já foram feitas, mas em função do valor necessário para restauração total, e

divergências dos vários governos, ela tem diversas paradas em seu processo de revitalização. Entretanto o prefeito Guido Hoff aponta que:

> Foi decretado patrimônio e tá faltando pouca coisa para fazer o restauro... provavelmente nós vamos conseguir fechar esse ciclo que vai fazer com que o museu seja transferido para lá e vai fazer com que eu não pague mais aluguel. Então eu espero que até o final do ano esteja pronto (GUIDO HOFF, 2019).

Figura 31 - Casa de Cultura

Fonte: Elisangela Johann

A princípio estima-se que para o ano de 2020 a reforma esteja pronta e o Museu possa se mudar para seu novo ambiente.

Figura 32 - Casa de Cultura sendo restaurada

Fonte: Autora

Algumas poucas construções seguem preservadas. Na área central há uma casa que encanta pelos seus traços e que é lembrada por Heloísa Assmann por um prédio que fez parte de sua história de infância:

> Tem hoje a nossa vizinha a Ini e o Berti Pechmann, o Berti já morreu... É entre o Assmann e o Hotel, ali tem uma casa antiga... Ali se alguém tivesse condições de comprar, apesar de que ela está em uma clínica e ela não quer vender, mas ali também daria um ponto legal. Ali eu me lembro porque era uma floricultura nos fundos, então eu e o Cé íamos direto ali, nós pegávamos as caixas de sapato do Assmann e nós dávamos pra Ini botar as flores, daí ela pagava nós. É lindo ali (HELOISA ASSMANN, 2019).

Quando perguntada se ela acharia interessante preservar ou não esse prédio entre o Assmann e o Hotel, ela responde:

> Ahh claro, mas quem que tem condições de fazer isso né? Porque eu fazia parte de um conselho municipal e agora todo mundo ficou " ah tu vai vender o Assmann, tinha que tombar!" gente as pessoas não tem noção... ninguém consegue manter, o município não dá auxílio pra isso... é a preocupação que eu acho que tem esse herdeiro da casa da

> Ini, porque se estiver tombado quem vai querer comprar? Não é bem assim pra ti restaurar, é mais caro restaurar do que botar abaixo. Ali no caso do Assmann, tu não paga pra botar abaixo. Tu contrata alguém que só faz isso e ele não te cobra, ele só faz isso mas fica com todo o material. Claro que seria lindo hoje alguém ter condições de restaurar, mas eu não sei se existe alguém... mas que seria bonito isso no centro da cidade com certeza sim, porque é bonito, tu nunca deve ter entrado... mas lá atrás é muito massa, é aberto assim, aqueles puxados aí tem as flores, aí se fizesse tipo lá na La Fiama (restaurante) (HELOÍSA ASSMANN, 2019).

Figura 33 - Uma das casas que permanecem na área central de Vera Cruz

Fonte: Autora

Referindo-se as construções mais antigas, foi perguntado aos entrevistados se eles sentiam saudade. O atual prefeito do município observa que:

> É em parte sim, mas do outro lado também tinha algumas que não tinham tanto seu valor sentimental, que o progresso, o crescimento, desenvolvimento as vezes um pouco voraz, mas que tem que acontecer ao natural, não podemos ficar com a mesmice, a mesma praça, as mesmas flores, ao mesmo banco tudo igual, então tudo devagarzinho tem que se adaptar ao crescimento. Mas claro que tem marcos históricos que são intocáveis, que tem que ser preservados mesmo (GUIDO HOFF, 2019).

Quando perguntado aos entrevistados se achavam que as construções antigas da cidade deveriam ser preservadas, a maioria acredita que sim, entretanto elenca os custos que isso representa. Guido Hoff, prefeito do município, fortalece que devem ser preservadas aquelas que representem um real valor histórico para o município:

> Devem ser, devem ser. Preservadas e restauradas dentro para não caírem. Por exemplo, alto dona Josefa, Imaculada Conceição, aquela igreja centenária que foi tombada também, onde lá tem o cemitério do Philip Limberger que foi o agrimensor que criou, nós temos uma sepultura restaurada agora. Esses são monumentos, parte da história que tudo que foi feito é pouco para preservar.
> Preserva-se aquilo que tem valor histórico, o que realmente tem que ser preservado, mas as outras que está meio e meio o progresso vai levando, e não adianta tu bloquear porque tu vai leva (GUIDO HOFF, 2019).

O entrevistado e engenheiro Gilberto Frantz acredita que é de fundamental importância a preservação, mas que precisa vir da sociedade, de um olhar mais atencioso sobre o assunto. É necessário conscientização da importância da preservação para a história municipal.

> Ah sim, sem sombra de dúvida, o que é que vai ser daqui a 50 anos, não vai se ter mais a menor noção do que era no passado né, entendeu, acho de vital importância até, mas é que nem eu te disse, vai precisar chegar alguém que tenha um olhar diferenciado, ou o próprio povo daqui se espelhar em outros né, e caminhar nessa direção, isso não é coisa que tu consegue mudar de uma hora para outra, não basta alguém chegar ali, isso tem que, eu digo tem coisas dentro da comunidade que tem que nascer da própria comunidade, um aqui, um ali outro começa a falar sobre preservar, as pessoas começarem a exigir isso do poder público “não, nós temos que fazer alguma coisa, não pode ficar assim”, e aí sim, o agente político, ele vai se adequar né (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Ao relacionar as antigas construções com as memórias dos habitantes, o atual prefeito Guido Hoff ressalta que para algumas pessoas há sim uma relação, uma importância entre prédios históricos e memória, entretanto nem todos atentam para isso.

> Alguns que são, tem uma ligação direta, mas a grande comunidade acho que não acorda muito para esse sentido, que eu acho importantíssimo. Porque eu sempre digo, se não fosse ontem nós não teríamos o hoje. Também em matéria de construção em matéria de preservação (GUIDO HOFF, 2019).

Considerando a existência de alguns prédios históricos presentes ainda na paisagem urbana de Vera Cruz perguntamos aos entrevistados como eles imaginavam a paisagem urbana no médio/longo prazo, nos próximos 10 anos, se acreditavam que eles permaneceriam como estão. Dona Norma Franke coloca que “Deveria né, a gente tem muita esperança, mas tá difícil porque o que foi prometido não tá sendo feito né...mas a gente sempre tem que ter esperança”. Frantz complementa ainda sobre os vários ciclos que certamente ocorrem e produzem mudanças, entretanto é necessário um nível maior de conscientização a respeito da importância dos prédios históricos para que de fato eles permaneçam edificados.

> Então, também existe um certo modismo nessa área, mas a construção civil passa por ciclos, lógico, os povos não querem sempre repetir as mesmas coisas. Mas voltando à questão cultural, nós ainda em Vera Cruz, nós não atingimos ainda esse ponto de nós entendermos, nós enquanto povo, que nós temos que preservar né, porque a gente como ser humano, a gente tem que saber da onde é que a gente veio e saber para onde é que vai. Dali a alguns anos mais nós vamos ter só fotografias para contar história antiga. Eu acredito que vai demorar mais uns 15, 20 anos para nós chegarmos nesse ponto, eu acredito que até lá todos os casarões vão ter praticamente desaparecido, e é uma pena isso né, que a gente não consiga construir, manter viva sua história (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Perguntado ao engenheiro Frantz o que ele achava em relação as construções antigas, se elas vão continuar presentes e edificadas nos próximos 10 anos ele ressalta que:

> Num primeiro momento eu acho que não, eu acho que elas vão desaparecer, lamentavelmente. Seria uma, se nós queremos preservar o que nós ainda temos aí seria meio urgente nós criar uma força tarefa digamos assim né, que fosse olhar com um olhar diferenciado pra isso né, pra preservar isso aí, lógico que isso é bastante melindroso, por que exige um nível de conscientização de quem é proprietário do imóvel (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Ao refletir sobre o futuro das edificações nos próximos anos, Guido Hoff observa que:

> Continue a preservar, que continue a valorizar o ontem, mas não deixe de pensar no amanhã e no depois de amanhã. Eu tenho uma convicção que o crescimento de uma cidade tem que ter a linha dorsal, é por aqui que nós vamos. O prefeito que vier tem maneiras diferentes

> em fazer, mas a espinha dorsal está ali... A paisagem urbana automaticamente vai ser diferente, veja agora em questão de seis sete anos olha os bairros, quem era Vera Cruz aquela vilinha olha hoje, olha aqui para cima, tudo, tudo crescimento. (GUIDO HOFF, 2019).

Para Heloísa Assmann, do jeito como está indo ela acredita não haver mais construções antigas nos próximos anos, e ressalta ainda da importância do plano diretor e sua execução de fato.

> Eu acho que não vai ter mais velhas construções né, pelo que tá indo. Eu quero que Vera Cruz cresça e que seja uma cidade boa de morar. Não sei o que te responder pra daqui a 10 anos. Se o plano diretor fosse concluído, mas foi assinado e ninguém da pé (HELOÍSA ASSMANN, 2019).

Quando entrevistados sobre quem vem articulando essas mudanças que vem ocorrendo no município de Vera Cruz e com que motivações a fazem, Heloísa Assmann acredita que é “para empreender, ganhar dinheiro. Mercado imobiliário”. Gilberto acredita que engenheiros e arquitetos tem grande força nesta área, mas pondera que deve haver vontade do empreendedor também.

> Eu acho que os profissionais da área de construção, eles tem uma ferramenta importante na mão, por que quem faz engenharia, quem faz arquitetura, a gente estuda a história né. Tem que haver uma vontade do empreendedor também em dar um passo nessa direção, talvez amanhã ou depois apareça um empresário, e vai construir um edifício justamente onde é que tem um casarão e vai manter um casarão antigo, um frontão, e vai fazer disso um hall de entrada por exemplo né, e atrás disso ou junto disso vai construir um prédio moderno, e as pessoas vão perceber essa valorização, como ficou bonito, manter a história entendeu, vão manter a história daquele local, então isso vai vim, eu acho que vai demorar um pouco mais, mas, é que nem eu disse, as comunidades, elas patinam às vezes tempos, e aí de repente despertam para um novo tempo vamos dizer assim, mas eu acho fundamental, sem dúvida (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Abordando a questão da preservação e conservação de prédios históricos, foi perguntado aos entrevistados como eles enxergavam a legislação municipal, a atuação da prefeitura frente aos patrimônios históricos construídos de Vera Cruz. Em grande maioria os entrevistados relataram que acreditam que não há nenhuma política que estimule/ instigue a preservação de prédios históricos no município.

> Olha eu não tenho muito conhecimento a respeito disso, mas eu acho que não há muito interesse né. E como tá difícil, eles nem conseguem aprontar esse restauro da cultura né. Eu acho que não está sendo muito investido nisso. Talvez também por condições, talvez, também não sei se não há realmente interesse (NORMA FRANKE, 2019).

Heloísa Assmann aponta sobre a legislação municipal como algo que não está bem articulado, sem forças e sem intenções de progredir neste aspecto:

> Acho que não é bem articulado, não sei se há alguma coisa tombada em Vera Cruz, olha aquela casa de cultura que está lá parada... não fazem questão de investir, por isso falo do museu, porque se fosse pensar no patrimônio histórico tu ia ter um lugar pro museu, tu ia conseguir visitar, hoje tu não sabe nem da existência do museu em Vera Cruz, não dão bola... (HELOISA ASSMANN, 2019).

Maria comenta não lembrar de alguma legislação, afinal a maioria dos prédios antigos nunca foi tombada ou protegida. Ela disserta que: “Acho que não. Pelo que eu me lembre não... Porque justo os prédios antigos, nunca nenhum foi...”. O engenheiro Gilberto Frantz menciona ainda sobre a falta de conscientização, e da impressão de parecer não existir uma legislação vigente.

> 0h, não existe né, não é que não existe, mas não chegamos nesse nível de conscientização ainda, então não existe nada, absolutamente nada na nossa legislação municipal que direcione para isso, que dê um incentivo para manter, que ofereça alguma coisa, alguma isenção de IPTU, ou, por exemplo, quem mante-se o frontão de um casarão antigo, não pagasse a taxa de construção, é um incentivo né, porque se tu não cobra taxa de isenção e ela muitas vezes vai a valores enormes, tu pode usar esse valor para o restauro daquele frontão, daquele casarão, então é uma forma de tu manter. E essa eu acho que é, faz parte acho que do agente público, ter esse olhar dele voltado, mas isso é ainda uma minoria, muito minoria, e nós, temos um problema escolar daí né, as nossas escolas hoje não estão ensinando a valorizar isso, nossas escolas não estão ensinando a valorizar isso... nós estamos criando o cidadão pro ‘ter’ e não por ‘ser’, e aí a discussão ainda vai longe (GILBERTO, FRANTZ, 2019).

O entrevistado Guido Hoff quando indagado sobre a legislação municipal afirma que, “Nós temos uma legislação bastante rígida, e tem que ser. A lei orgânica do município e também tem a lei do patrimônio histórico público que regula, então isso é fundamental essa obediência se não degringole.” Entretanto quando perguntado se ela vem sendo seguida nos últimos 10 anos: “Eu acho que sim, porque esse lei ela preserva, mas também não impõe... algumas coisas sim, depois que está tombado aí ninguém mexe, mas antes ela é meio frouxa.

Foi perguntado ainda à Guido Hoff sobre a casa de 1925 – mostrada anteriormente, que já abrigou até a delegacia de polícia de Vera Cruz- e sobre a Casa Pastoral – também apresentada acima – que foram ambas destruídas, se nunca houve projetos que incentivassem a mantê-las, onde Guido apontou sobre a voracidade financeira.

> Tudo veio a fim de dinheiro, a Alliance One veio construindo, aí o poder econômico, interesse. Também a vinda da Alliance One é um crescimento, mas sob o patrimônio histórico prejudica. Há um conflito entre a voracidade financeira e a preservação, aí a voracidade ganha de longe (GUIDO HOFF, 2019).

Discutindo as possíveis soluções ou medidas cabíveis para manter viva a história através de prédios históricos o entrevistado Frantz menciona sobre incentivos para que o proprietário preserve o patrimônio antigo e exemplifica através do município vizinho, Santa Cruz do Sul, que por sua vez tem avançado nesse sentido, onde diversos prédios preservam a estrutura da fachada, mas na parte interna se adequam aos novos usos.

> A história tá ali, tá ali aquele frontão, tá ali preservado o ano que foi construído, entendeu, tem uma história por trás disso, eu acho muito interessante, primeiro, quem dá mais valor à isso é o pessoal de arquitetura e a construção em si, a engenharia e coisa e tal, mas passa pelo nível de conscientização de um povo, sem sombra de dúvida. Mas a transformação desses anos todos que eu tô aí, a transformação urbana ela é notória né, fruto da adequação dos novos tempos (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Outro ponto destacado por Frantz diz respeito ao planejamento do município, do plano diretor, para que as ações sejam pensadas e estudadas para um melhor desempenho, e assim evitem-se equívocos.

> Nós temos que cuidar muito do nosso plano diretor, eu vou te dar um exemplo gritante que aconteceu. Antes do plano diretor me parece que ele era uma cópia do de Santa Cruz, então as mesmas falhas que eles cometeram lá nós cometemos aqui, vou te dar um exemplo: Se constrói um conjunto de geminados num terreno de esquina, e esse terreno de esquina tem 50 metros por exemplo, 15x50, 15x40, foram feitos 6 ou 8 geminados, todos eles tem uma entrada de garagem, e o que é acontece? Ninguém estaciona mais ali.
> A gente perdeu o foco nesse sentido né, e eu realmente acho agora que, Vera Cruz, um dia, quando rever o seu plano diretor, tá na lei, que ele precisa ser revisto a cada 5 anos... mas aí tem aqueles prefeitos que olham pelo lado político e, não pelo lado do técnico, não tá

> preocupado daqui a 20 anos né, então não investe nesse setor, e aí a gente vai sofrendo as consequências, e aí quando os problemas estão aí, estão aí entendeu (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Sendo assim é facilmente percebida a contradição presente nos relatos de muitos entrevistados, tendo em jogo o valor do capital, a falta de infraestrutura e de incentivos para a preservação dos prédios históricos. Intrínseco aos proprietários que ainda possuem prédios históricos ressalta-se o medo e a dificuldade de manter os imóveis ao longo do tempo. Como lembra Harvey (2010) essas transformações do espaço urbano refletem intrinsecamente as relações existentes entre sociedade e o modelo capitalista.

4.3 A paisagem urbana construída: campo de forças entre identidade, desenvolvimento e memória

O patrimônio edificado representa as particularidades e as configurações de uma sociedade, demonstrando através de suas construções os períodos históricos que influenciaram nos valores e na cultura de diversos indivíduos.

Nesta busca pela identificação e pertencimento dos indivíduos, vem à tona a importância da conservação do patrimônio, considerando que ele faz parte do conjunto de representações e relações existentes. O patrimônio histórico e cultural construído se relaciona diretamente com memória social coletiva.

A necessidade do ser humano de se situar transborda a importância da identificação do indivíduo, para que o mesmo se sinta seguro e possa ter uma ligação com seus antepassados, com sua terra, seus costumes e hábitos que lhe proporcionam o saber de onde vem, especialmente a partir do sentimento de pertencimento a um lugar. Nesse sentido, surge a definição de memória coletiva, que tem o intuito de resguardar fatos e acontecimentos para proporcionar aos que não viveram estes episódios a oportunidade de saber da sua história e seu legado (BARRETO, 2001).

Para Souza (2014) a relação que se estabelece entre memória e desenvolvimento é muito complexa, visto que ambas se estabelecem como práticas discursivas, que reúnem diversas experiências que irão se refletir no

espaço habitado. Recorremos a memória como forma de resgatar também a identidade, a qual é considerada uma construção social que se modifica constantemente ao se relacionar com outro. Assim o sujeito pós-moderno se influencia e é influenciado ininterruptamente, onde não há mais uma identidade fixa, estável e se fragmenta frequentemente. Não é algo concebido biologicamente, vai sendo construída historicamente, onde os vínculos, os significados vão construindo a identidade.

A identidade é a afirmação do indivíduo. É um processo discursivo que recorre à memória para relembrar o passado, para se constituir, e pode ser tanto individual como coletiva. O esquecimento faz parte da memória, assim como a reconstituição do passado. As lembranças podem sofrer novas adequações, mas sempre vão referenciar a nossa identidade, é impossível o homem viver isolado no presente, ele sempre recorre ao seu passado. Assim o papel da memória em relação a identidade é fundamental para reafirmação da identidade. A memória vai sendo narrada quando a identidade é posta em dúvida, contribuindo para a construção da identidade (SOUZA, 2014).

Halbwachs (1990, p.54) complementa afirmando que a memória "... é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo", por isso a lembrança daquilo que vimos ou presenciamos. Entretanto, a memória coletiva não se restringe ao que o indivíduo tenha visto ou presenciado, pode ser reportada por jornais, ou depoimentos daqueles que participaram de tais acontecimentos. A memória individual é influenciada constantemente pela memória coletiva. O indivíduo quando recorre ao seu passado, acaba por apelar as lembranças de outros. (HALBWACHS, 1990).

Neste contexto Maria lembra dos locais que frequentava antigamente, que hoje não existem mais. Ela conta com carinho dos tempos em que se reuniam e ajudavam na festa da comunidade:

> Na comunidade nós tínhamos um pavilhão antigo, de madeira. As festas eram feitas ali, nós fazíamos cuca, galinha recheada. E no começo quando a minha filha mais velha, acho que tinha 3 anos... quer dizer em solteira ainda o pai dizia, fim de semana tem quermesse vocês sabem que vocês tem que ir ajudar. Então aquilo tudo era diferente, tinha arvoredo, arvores de plátano, que nem agora eles plantaram uma na praça de Santa Cruz, carvalho, tinha ali, cipreste. Isso tinha tudo ali, e a festa era feita dentro daquela arborização, então isso assim me marca muito (MARIA, 2019).

“Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros” (HALBWACHS, 1990, p.131). Por esse motivo nossas casas, nossos objetos, refletem nossa cultura e nossos gostos numa ligação com as diversas sociedades a qual estamos conectados. Deste modo, a explicação de tamanho apego que estabelecemos com alguns objetos. Halbwachs ainda correlaciona as imagens espaciais com a memória coletiva onde, o lugar recebe a marca do grupo, assim como o contrário também acontece.

> Assim se explica como as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras (HALBACHS, 1990, p.133).

Nesse sentido, alguns entrevistados como Norma Franke ao falar sobre a área central de Vera Cruz lembram de como era, e as mudanças que se sucederam ao passar dos anos:

> Aquela esquina do Wild Kroth, essa mudou bastante, aquela construção velha, aquele loja com balcão grande, a esquina toda onde era o Banco Mercantil, onde o Rudi Kroth mora, aquela porta ali era o banco mercantil. Onde é a entrada da garagem ali hoje já era estoque, então na esquina já era a loja e tu entrava e tinha aquele balcão cumprido de cima até em baixo (NORMA FRANKE, 2019).

Relatando sobre as metamorfoses urbanas, Maria lembra dos imóveis que existiam na mesma rua onde morava e foram se modificando no decorrer dos anos. Ela conta que:

> O único que permaneceu, lógico depois foi mudando foi o Albers. Outra casa era ali onde é o Xodó, isso era um casa onde os meus tios moravam, o irmão do meu pai, então ali tinha loja de vender móveis. Também era uma casa antiga de dois pisos e depois foi mudando, mudando aí já aumentaram para a parte de cima, ficou só a esquina do xodó, mas o resto já foram modificando, ali nesta parte onde é a Bidé, aí tem as lojinhas, isso tudo era um prédio antigo. Depois a AM tintas já construiu ali, já modificou tudo. Então da minha rua era muita coisa, o único que permaneceu foi o Albers a parte da esquina isso ficou, eles mudaram depois um pouco, mas em grande parte ficou (MARIA, 2019).

Figura 34 - Loja Albers

Fonte: Heloísa Albers

Figura 35 - Loja Albers atualmente

Fonte: Autora

Maria lembra também de fatos e locais que marcaram significativamente sua vida, como a escola onde estudou e que permanece em seu local de origem com algumas modificações:

> Sim, nós moramos muito pouco tempo em Santa Catarina e tivemos que voltar por causa do meu avô. A mesma coisa é a Aula Evangélica, a gente estudou lá, depois as minhas gurias também foram estudar lá, mas sempre foi ali onde é o prédio, só que mudou muita coisa no prédio em si.
> Outra coisa da minha infância, a casa pastoral onde hoje é a Benoit (MARIA, 2019).

A praça central de Vera Cruz também não era a mesma como relata Guido Hoff “a praça era bem outra de que é agora, lá se jogava vôlei, futebol, etc, hoje está transformada". Gilberto Frantz conta que "a praça, esquina da José Bonifácio, que não tinha árvore nenhuma, era só um descampado". Maria lembra até que o circo se instalava ali:

> Naquele trecho a única coisa que eu me lembro quando eu fui morar lá não tinha a praça, não tinha ajardinamento. Aquilo era uma parte mais alta, um campo, tanto é que o circo se instalava ali, na parte mais baixa onde é o quiosque agora, mas a outra parte era mais alta, era um barranco alto assim tabatinga vermelha (MARIA, 2019).

Figura 36 - Praça José Bonifácio

Fonte: Autora

Neste sentido a memória está sempre vulnerável as mudanças culturais e políticas, influenciando constantemente nos anseios de uma sociedade. A partir da memória coletiva e sua relação com o desenvolvimento social, político e econômico são delineados muitos dos caminhos e desejos de uma sociedade, o que engloba seguramente o destino dos patrimônios culturais construídos.

Os patrimônios culturais construídos no Brasil são regulados por ações a nível internacional, nacional, estadual, municipal. A nível nacional o órgão oficial é o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, SPHAN – embora tenhamos também alguns envolvimentos por parte de empresas privadas.

Neste sentido, diversas políticas vêm sendo aplicadas para evitar que o mercado imobiliário contribua para a deterioração dos bens culturais, ou ainda que o contrabando ou venda de material arqueológico ou obras de arte, transfiram exemplares do patrimônio cultural para grandes centros, museus ou coleções particulares.

Os bens que referenciam ou trazem significados a determinada sociedade podem constituir um patrimônio a ser tombado. Para Vogt (2008, p. 26) “tombar um bem cultural equivale a inventariar, a registrar, a arrolar, com o objetivo de proteger, de salvaguardar uma riqueza que é comum”.

Atualmente, diversas ações que envolvem os patrimônios culturais vêm contribuindo para o conhecimento e uma ligação com o passado de uma região, trazendo à tona questionamentos e cobranças junto aos órgãos de preservação. A valorização mais ativa destes legados históricos resulta em decorrências sociais muito positivas, a começar pela visibilidade da diversidade cultural, considerada uma grande riqueza do país e componente da sua identidade, a qual se retrata por ser uma identidade pluralista. Outro resultado destas ações é o comprometimento da sociedade com os bens materiais ou imateriais, fortalecendo o elo entre o coletivo e a cidadania. Aos poucos, as regiões começam a despertar sobre os benefícios e a visibilidade que o patrimônio cultural tem a oferecer. Transpassa de um impasse a uma possível oportunidade de promover o desenvolvimento regional. A atratividade do patrimônio pode transcender barreiras locais, nacionais ou até internacionais, instaurando o desejo de conhecimento do patrimônio material e imaterial. (PORTA, 2012).

Se por um lado percebemos políticas preservativas dos bens culturais, por outro, nos deparamos com os efeitos que elas podem vir a causar em municípios de pequeno e médio porte. Em muitos casos, tais políticas impedem que o patrimônio seja tocado para evitar a degradação, mantendo-o fechado, a fim de protegê-lo. Quando essas medidas são aplicadas a bens de particulares, o dilema pode vir a ser mais conturbado, ora que, se o imóvel vier a ser tombado fica submisso às leis de preservação ou conservação do patrimônio, impedindo a modificação de seus aspectos essenciais e a demolição. Já nos casos de propriedade do Estado o problema não se torna tão delicado, a menos que o próprio Estado tombe o seu bem para resguardá-lo, mas por falta de verbas – o que nos dias de hoje já se tornou corriqueiro em praticamente todas as áreas do Estado - para a sua preservação acaba por deteriorá-lo ainda mais através do abandono, causando um efeito contrário do desejado (BARRETO, 2001).

Neste sentido percebemos a contradição, ao buscar discutir sobre um mesmo bem. Num lado o Estado, buscando através de suas políticas a preservação dos patrimônios culturais, embora dificultado por suas condições financeiras para assumi-lo por completo. No outro, o proprietário que sente seu patrimônio muitas vezes familiar ameaçado, impedido de utilizá-lo como bem o quisesse. Como o acontecido na Avenida Paulista, em São Paulo, a demolição de grande parte dos casarões dos barões de café para dar lugar a prédios e construções luxuosas na segunda metade deste século, há suspeitas que os incêndios e derrubamentos possam ter origem criminosa por parte de seus proprietários que estavam com seus bens tombados ou em processo de tombamento, e que possa ter ocorrido em outras diversas cidades (Barreto, 2001). Logo percebemos que há distintos interesses entre os assuntos no momento da “disputa” pelo bem, pelo poder sobre ele, o qual Raffestin (1993) ressalta que o poder vem a se manifestar quando em determinada situação dois polos distintos se enfrentam, medindo forças, criando um campo de poder.

Poder este que se reflete quando falamos da situação imobiliária no país. Com o mercado imobiliário fluindo e as cidades pequenas e médias em sua maioria com crescimento em ascensão, os proprietários de bens sentem-se, muitas vezes, pressionados a aceitar as propostas atrativas oferecidas pelos agentes do mercado.

Raffestin (1993) explica que o espaço é anterior ao território, e o território só começa a tomar forma quando o espaço é alterado ou modificado por algum ator. Logo se percebe que o território é primeiramente um espaço que sofreu alterações. A territorialidade assume um valor muito particular, devido as suas relações sociais e ao que nela for vivenciado ou não. Através das relações existenciais e produtivistas os sujeitos ali inseridos vivenciam o processo territorial e o produto territorial.

Barreto (2001) destaca que outro ponto que vem influenciando é a globalização da economia, que através das facilidades dispostas hoje pela comunicação, propiciam ao indivíduo adquirir qualquer bem de consumo disposto pelo mundo, desde que ele tenha poder de compra. Esses fatores têm influenciado diretamente na padronização dos gostos, atitudes, valores e expressões, descaracterizando os território, facilitando a dominação econômica e cultural, ao mesmo tempo que cria movimentos de resistência nos territórios.

Correa (1997, p.148) reforça que o presente influi nas formas espaciais, lado a lado com o passado:

> ... é conveniente lembrar, que o espaço urbano é um reflexo de ações tanto que se realizem no presente, como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais presentes.

Assim as ações de preservação se fortalecem quando o ambiente é considerado, não levando apenas em questão as edificações, mas sim os valores e as memórias que elas acionam em seus indivíduos. Estas memórias, tanto sociais como coletivas, estabelecem um elo entre o passado e o presente das sociedades, e permitem assim, um autoconhecimento de si próprias. Daí a importância do conceito de patrimônio urbano que engloba diversos fatores além dos patrimônios edificados, de modo a entender que o ambiente em que se encontra o patrimônio e como ele se relaciona e influi no espaço ocupado, assim como é influenciado por ele, abrange também o saber-fazer, os valores da memória, as feições afetivas e as particularidades do cotidiano de uma sociedade (SCHNEIDER, 2005).

Para Ferrara (1988, p.3) o “uso e hábito, reunidos, criam uma imagem perceptiva que se sobrepõe ao projeto urbano e constitui o elemento de

manifestação concreta do espaço”. Ferrara ainda complementa que a percepção urbana é de certa forma uma compreensão da cidade, do uso que se faz dela e de sua imagem física. Não deixa de ser uma certa informação que se dá através da percepção.

Assim a partir dos novos usos e hábitos a área central vai se modificando, alterando significativamente a paisagem urbana construída no município de Vera Cruz. Norma Franke avalia em geral as mudanças como positivas, afirmando que " Ah ficou mais bonito, ficou melhor. É mais moderno...hehehe mais modernidade né." E explica ainda a respeito das mudanças:

> O que que eu vou dizer, acho que isso é automático né, é uma necessidade. Os prédios ficam velhos e tem que modernizar, eu penso isso. E que nem lá no Wild Kroth eles já começaram a parte debaixo eles mesmos a fazer o mercado e aí continuou só a parte de cima com as roupas, de repente isso também parou, então aos poucos isso foi mudando, entrou muito a confecção pronta aí o pessoal já não comprava mais tanto tecido em metro, tudo isso foi mudando e eu não sei, eu pra mim eu penso assim que deveria ser, não podia ficar assim no ponto que estava, eu acho que melhoramento sempre tem que haver.
> Mas eu me sinto muito bem quando eu vou para a cidade agora, vejo tudo tão bonito, tão bem. Que nem ali o Back, o galeto Kurz ficou, aquela casa ficou, mas tudo bem arrumado e as lojinhas ali. Para mim eu acho bom as mudanças. Inclusive as comunidades, a católica que lindo o jardim, a escola ali também. A nossa ali também a escola aquele IMI aquela obra que eles restauraram, o castelinho que foi feito, a nossa comunidade com essas lojas né ali. A obra nova, o salão novo ali. Então para mim é um avanço eu acho que tem que ser, não pode ficar parado no ponto (NORMA FRANKE, 2019).

Entretanto ao mesmo tempo em que Norma Franke fortalece que considera positiva a “modernização” da área central, ao remeter ao seu antigo patrimônio, localizado na área rural do município, percebemos a contradição presente em seu relato, visto que ela pondera:

> Ficamos firmes com esse pensamento de preservar a história, porque apareceram vários compradores que percebíamos que não tinham interesse em preservar. E foi aí que encontramos os compradores certos. Porque se era para ver aquilo caindo tudo eu ficaria muito triste, porque nós trabalhamos muito lá. Mas tudo valeu a pena hoje assim a gente tem essas boas lembranças (NORMA FRANKE, 2019).

Desse modo percebe-se como algo intrínseco a lembrança dos vera-cruzenses as recordações do município referentes a outros tempos. A

tranquilidade e segurança que se estabelece no município já não é mais a mesma observada pelos residentes. Grande parte dos entrevistados relatou que sente saudades do sossego e da despreocupação. Guido Hoff conta que:

> Eu trabalhava na Verafumos e viajava para tudo que era lugar, Sobradinho, Arroio do Tigre, Agudo, fazia tudo. Na segunda de manhã eu vinha com a lambreta, deixava ela na frente da padaria do Zonta e sexta-feira pegava minha lambreta. Bom tempo esse, a lambreta ficava lá a semana inteira e ninguém mexia. Saudade daquele tempo. Sobre esse aspecto muito mais tranquilo (GUIDO HOFF, 2019).

Esta tranquilidade causava certo estranhamento para quem vinha de centros maiores. O engenheiro Gilberto Frantz conta que quando veio para Vera Cruz tinha o costume de chavear o carro, situação essa que os moradores daqui consideravam engraçada na época, ora que não havia necessidade para isso, conforme ele próprio relata:

> Eu acho que todos nós, vamos falar do ser humano como um todo né, todos nós construímos a nossa história, e temos saudades de uma época em que era tudo mais tranquilo né, vou te dar um exemplo que aconteceu comigo: 92 então eu vim para Vera Cruz, de Porto alegre, eu vim de lá com as manias de lá, então o meu primeiro escritório foi ali na Rua Tiradentes onde hoje é a comercial Tatsch, na frente da praça, eu estacionava o meu veículo ali na praça, na sombra, levantava os vidros e chaveava o carro. Na época, o Irineu Kessler, o chamado bodegueiro, ele era presidente da associação comercial, e tinha a comercial Borré, que hoje é a loja flores ali, e ele veio me fazer uma visita na primeira semana, veio com um chimarrão, uma cuia e bomba né, com a térmica dele, de mala e cuia que nem se diz, me fazer uma visita, me desejar as boas-vindas por estar abrindo um escritório em Vera Cruz e coisa e tal né. Aí ele me disse, “tu tá trazendo uma mania muito ruim para Vera Cruz”, e eu me estarreci, eu disse “mas que mania ruim?”, não, dá uma volta na cidade, tu tem um tempinho dá uma volta na cidade, vê se alguém faz que nem tu faz, levanta os vidros e chaveia o carro, aqui a gente deixa a chave na ignição e, mas eu fiz isso, as pessoas deixavam a carteira dentro do carro, chave na ignição e vidro aberto, bolsa de mulher, roupa atirada ali e o carro aberto, 92 Josi! Isso não faz 30 anos, 92! Como é que tu não vai ter saudade de um tempo desses entendeu, e hoje a gente tem um medo da própria sombra.
> ...nós temos um aparato de lei enorme e nenhuma lei resolve, se tu para pra analisar, vai se criando lei e criando lei, e parece que nenhuma lei resolve.
> Tenho saudade sim dessa época de cidade em que a gente andava com mais confiança na rua, a gente não precisava de monitoramento né, agora tá se falando em cercamento eletrônico da cidade, então nós estamos vivendo um grande Big Brother entendeu, porque nós não conseguimos mais ter privacidade nem dentro de casa, porque daqui a pouco tem um drone em cima da tua casa né. (GILBERTO FRANTZ, 2019).

Heloísa Assmann lembra ainda sobre as brincadeiras na rua quando criança, que hoje não se reproduzem mais do mesmo modo, em função da insegurança e aumento da circulação na área central do município.

> Então, sinto saudade desta questão da segurança, hoje os filhos dos meus amigos não tem a mesma infância que a gente teve né, não podem brincar aqui na frente, tem que brincar aqui dentro do pátio... não pode brincar na rua, imagina nós jogava alerta aqui na rua. Da cidade eu gosto, sobre essa casa que eu falei da Dona Ini, eu acho legal, mas quem vai investir nisso? (HELOISA ASSMANN, 2019)

Quando Heloísa fala sobre a Casa da Dona Ini, refere-se a casa azul claro apresentada no capítulo anterior, uma das poucas casas históricas que ainda permanecem na paisagem urbana de Vera Cruz, localizada na Rua Cláudio Manoel. Entretanto ao mesmo tempo em que considera interessante a ideia de alguém investir nela para manter a estrutura e fazer um restaurante ou sala comercial com um estilo diferente, fica a pergunta de quem particularmente iria querer investir nesse empreendimento. Ela comenta sobre a circulação de automóveis na área central da cidade:

> Olha hoje está muito movimentado, tu não consegue estacionar na cidade, praticamente tudo asfaltado né, o Asfalto do Assmann acho que é o asfalto mais antigo, claro o asfalto aqui da Nestor Frederico Henn foi feito recente né...Acho uma pena que cada um que passa vai arrancando uma árvore, acho uma pena (HELOISA ASSMANN, 2019).

Ao falar sobre as mudanças na cidade o engenheiro Gilberto Frantz também fala sobre a importância da arborização, e relata sobre a falta dela na área central da cidade:

> Algumas foram acontecendo pela própria necessidade, imposição do povo entendeu. Por que, uma coisa que nós assimilamos bem de Santa Cruz é a questão da taxa de permeabilidade né, se entende e as pessoas começam aceitar isso aí bem, é que tu não pode calçar tudo, tu tem que ter um terreno, onde é que essa água vai parar? Tu precisa ter chão para absorver, outra coisa, tu precisa ter árvore para absorver, por que quantos mil litros ficam depositados nas árvores dessa água que tá na calçada?
> O próprio dono da loja, ele dá a volta na cidade, ele deixa o carro na sombra a 3, 4 quadras da loja dele, mas na sombra, mas na frente da loja dele não produz sombra, no nosso miolo da cidade está

> desaparecendo a sombra, todo o nosso comércio já não tem mais sombra (GILBERTO FRANTZ, 2019).

A entrevistada Maria também fala sobre as mudanças do centro da cidade e evidencia sobre as complicações no trânsito, ocasionada pelo aumento da circulação de automóveis. Quando perguntada sobre as mudanças na cidade, se ela considerava para melhor ou para pior ela relata que:

> Sim, mudou. Em parte para melhor, mas o pior de tudo é o trânsito. Tu não consegue achar estacionamento. Eu já não saio de carro, só se eu tenho que carregar alguma coisa pesada. E também a travessia, seja no Back, ou seja aqui no antigo Assmann, o pedestre não tem vez (MARIA, 2019).

Intrínseco ao que foi relato por Maria a entrevistada Norma Franke relembra da proximidade que as pessoas tinham umas com as outras, das visitas, dos encontros, e que a agitação da atualidade acabou distanciando as pessoas e afetou o espírito comunitário que havia:

> Antigamente eram mais próximas, as pessoas se visitavam mais, hoje em dia não se visitam mais, hoje em dia não se falam mais, é tudo pelo celular, pelo whats, pelo face, a gente se falava por telefone, agora não escuta mais nem a voz (NORMA FRANKE, 2019).

Por fim, se o indivíduo recorre constantemente as suas memórias para reafirmar sua identidade, a paisagem urbana bem como as edificações fazem parte deste processo de identificação. A partir das memórias dos entrevistados podemos compreender o campo de forças que engloba identidade e desenvolvimento, e como elas se confrontam nesse meio. O desenvolvimento veloz da área central de Vera Cruz modifica as relações de identidade constantemente, visto que o indivíduo se relaciona com o meio onde está inserido.

Desse modo podemos perceber as diversas mudanças que ocorrem na área central da cidade e interferem na composição da paisagem urbana bem como na percepção dos moradores e demais agentes que atuam no espaço urbano do município de Vera Cruz. Como relatado, os entrevistados relembram da área central como um ambiente calmo e seguro, que fizeram parte da história de vida dos mesmos. Entretanto, junto ao crescimento econômico e populacional

que se desenhou no decorrer dos anos, vieram também o aumento do fluxo de veículos, dificuldade de vagas de estacionamento, e certa insegurança por parte dos habitantes e da sociedade em geral.

Perante aos patrimônios culturais e históricos, ambos entrevistados consideram adequada a conservação e preservação dos mesmos para a sociedade, entretanto em sua maioria não se manifestam contrários as modificações ocorrentes na área central que excluem as edificações culturais em favor da possibilidade de desenvolvimento econômico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber a partir do levantamento de dados secundários e dos relatos o gradual crescimento demográfico e econômico presenciado em Vera Cruz nas últimas duas décadas, bem como a ampliação de estabelecimentos na área da prestação de serviços e que, em certa medida, dão aporte para esse aumento populacional presenciado ao longo das últimas décadas, possibilitando novas opções comerciais e de prestação de serviços para os moradores, principalmente nos anos de 2013 e 2014, como apontam os dados secundários coletados. A partir da organização do acervo fotográfico documental e do relato de residentes e alguns agentes urbanos ficam visíveis as transformações na paisagem urbana da área central do município, especialmente no que se refere as edificações. Essas transformações são decorrentes dos novos usos e novas funções na área central do município, demonstrando os anseios em um cenário de novas demandas por parte de seus residentes.

O município de Vera Cruz apresenta um gradativo aumento populacional, entretanto no âmbito econômico se reestabelece aos poucos da recessão do período posterior ao ano de 2014, com crescimento econômico tímido nos últimos anos. Contudo nesse período de ascensão econômica pela qual o município passou, ocorreram inúmeras modificações nas edificações em sua área central. Sendo assim, muitos terrenos da área central que continham antigos prédios históricos foram vendidos na última década, por representarem um ativo de grande valor comercial. O mercado imobiliário assim representado por agentes de maior poder são responsáveis em grande escala por modificarem, tanto a área urbana quanto rural do município de Vera Cruz. A pesquisa evidencia que alguns residentes da cidade, proprietários de moradias ou terrenos receberam altas propostas oferecidas por agentes imobiliário, sendo estas praticamente irrecusáveis. Essas propostas estimularam a venda destes terrenos localizados em locais estratégicos da cidade, para posteriormente possibilitar a derrubada de alguns locais que abrigavam os principais prédios históricos, dando lugar a construção de novos prédios que abriguem, maior

quantidade de salas comerciais, propiciando assim maior rentabilidade aos seus proprietários e/ou investidores.

Certamente não são apenas os agentes imobiliários que modificam o espaço urbano, que territorializam e reterritorializam lugares e espaços que integram a paisagem urbana construída - mesmo que estes estejam dotados de grande poder de articulação. Entre os diversos agentes que promovem mudanças no espaço urbano estão a sociedade civil e o poder público, que interferem diretamente na dinâmica social e econômica que ali se estabelece. Por isso, é de vital importância a conscientização sobre a relevância do patrimônio histórico construído para a preservação da identidade e da memória coletiva de seus habitantes. Nesse sentido, possibilidades de auxílio de incentivos fiscais aos proprietários de prédios históricos ou ainda ajuda de custo para sua preservação, algo difícil de ser colocado efetivamente em prática conforme os relatos dos entrevistados, deve ser pensado pelos agentes políticos.

Percebemos na pesquisa a contradição por parte dos moradores, agentes sociais e políticos, um apego pelas memórias, mas um anseio por mudanças, condição da modernidade e das antimonias espaço-temporais. Está explícito na percepção de alguns entrevistados a vontade de crescimento. Contudo, esses residentes prezam igualmente por ações que estejam pautadas no desenvolvimento social e econômico do município, para que ele não se torne apenas uma cidade dormitório, mas que possa atrair e reter o meio técnico-científico, potenciais estes que fortaleçam a economia e o capital social de seus residentes.

Na mesma proporção em que consideram positiva a preservação dos patrimônios históricos construídos no município, fortalecem em seus relatos a dificuldade financeira para manter a estrutura desses prédios em boas condições. É perceptível também que a área central se tornou comercial, dificultando assim a moradia com qualidade e bem-estar nesse perímetro urbano em decorrência da intensa circulação e do barulho originado por esta atividade. Percebemos assim que a contradição está evidente frente a preservação dos prédios históricos e culturais e busca por qualidade e bem-estar em termos de moradia. Quando indagados sobre a importância da preservação dos mesmos,

todos os entrevistados avaliam como de grande importância, entretanto quando falam de forma mais específica sobre as suas propriedades particulares, reiteram sobre as boas oportunidades que surgiram para a venda e a dificuldade financeira da manutenção dessas edificações. A respeito das novas edificações construídas, em sua maioria, não se importam muito com esse movimento de mutação para o novo, desde que traga melhor qualidade de vida a população.

Sendo assim, compreendemos que há uma relação constituída entre memória e o desenvolvimento, especialmente a partir das identidades e pertencimentos vinculados a essas memórias, ora que ao relembrar sobre suas histórias de vida os entrevistados relatam a respeito dos prédios históricos que fizeram e ainda fazem parte de suas vidas.

Contudo, cabe mencionar que são os registros fotográficos e as memórias de seus residentes que hoje formam o patrimônio histórico do município de Vera Cruz. O patrimônio histórico e cultural do município não serve mais como ponto de apoio a memória social, devido ao fato de ele não se fazer mais presente em boa parte do espaço urbano de Vera Cruz, estando assim presente apenas na memória coletiva. A representação do passado, percebida nos relatos, tem sido constituída em meio as disputas pelo sentido histórico e social das transformações pelas quais o município vem passando nas últimas décadas.

As percepções do distintos residentes e agentes sociais e políticos acerca da preservação e ou restauração do patrimônio histórico construído na área central do município são tensionados pelas antimonias espaço-temporais da força do capital, que segue alterando também o curso da história local. Os entrevistados tencionam o tempo presente e o tempo futuro que almejam. Esse processo de tensionamento orienta as práticas sociais dos indivíduos e revela as disputas de poder nos campos econômico, político, cultural e social e que permeiam as discussões em torno das transformações que ocorrem na paisagem urbana da área central do município.

REFERÊNCIAS

A B C do desenvolvimento urbano (Capítulos 7 a 10), de Marcelo Lopes de Souza. In: Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2008.

ALVAREZ, J.G.R.. Relaciones entre el mundo rural y urbano El campo, lanaturaleza y elpaisaje ante laciudaddelsiglo XXI. Ería: Revista cuatrimestral de geografía, ISSN 0211-0563, Nº 82, 2010, págs. 170-180. Disponível: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3330782

BARRETO, Margarita. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2001 2ª Ed.

BARROS, Antônio. (org). Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

BATTAUS, Danila; OLIVEIRA, Emerson. O direito à cidade: Urbanização excludente e a política urbana brasileira. Lua Nova, São Paulo, 97: 81-106, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOTELHO, Adriano. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. Cadernos Metrópole 18, 2007, P. 15-38.

BRANDÃO, M.; MARTINS, J. et. al. Reflexões teóricas e metodológicas para a construção de teorias de médio alcance de enfermagem. Disponível em :http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017001420017

CANUTO, A. Análise da Teoria da Estrutura Social e da Anomia de Robert K. Merton, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269575967

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade ecultura, 2).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CENSO demográfico 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama> . Acesso em 01 nov. 2017.

COPATTI, Carina; OLIVEIRA, Tarcísio D. A leitura do espaço urbano: Interações etre patrimônio, memória e turismo cultural. Revista de Arquitetura IMED, 5(1): 48-58, jan./jun. 2016

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge;

CORAZZA, Gentil. O todo e as partes: Uma introdução ao método da economia política. São Paulo, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. Região e organização espacial. São Paulo: Ática, 1986.

_____. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: Carlos, A.F. (Org) A produção do espaço urbano. São Paulo: Ed. Contexto, 2011. P.41-51.

_____. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DUARTE, Marcia YukikoMatsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge;

DUMMER, Celeste et. al. Vera Cruz: tempo, terra e gente. Vera Cruz: Lupagraf ,2009.

DUPAS, Gilberto. Economia global e exclusão social. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

FACCIN, M.; NOGUEIRA, M.; VAZ, E. .Narrativas da Cidade: Perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

FELIZARDO, Luiz Carlos. A fotografia de Luiz Carlos Felizardo. Porto Alegre: Brasil Imagem, 2011.

FERRARA, Lucrécia. Ver a cidade: cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel,1988.

FURINI, Luciano Antônio. Os agentes urbanos: conceito e características principais. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v. 8, n. 1, p. 15-24, 2014. Disponível: http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalsystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/180/95

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 02 nov. 2017.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990)

HALL, Stuart. A Identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2010, 19º ed.

IBGE. Disponível em: https://ibge.gov.br/

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. In: GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 24, pp. 109 - 123, 2008. Disponível: http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp24/Artigo_Sandra.pdf

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. São Paulo: Edusp, 1999.

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade. São Paulo: Ed. Moraes, 1990.

_____. O direito a cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

KELLER, Roberto. Arquitetura eclética em Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC 2014.

MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades – alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

MARX, Karl. A Lei Geral da Acumulação Capitalista. In. O Capital. Crítica da Economia Política. São Paulo, Abril Cultural, 1984. Livro primeiro, Volume I, Tomo 2.

MASSON, Gisele. Materialismo histórico e dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. Revista Práxis, Ponta Grossa, PR, v.2, n.2, p.105-114, jul-dez., 2007. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/viewFile/312/320

_____. As contribuições do método materialista histórico e dialético para a pesquisa sobre políticas educacionais. IX ANPED-SUL – Seminário de Pesquisa em Educação – Sul, 2012. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/966/126

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Disponível em: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php. Acesso em 06/01/2020.

MERTON, Robert K. Sociologia: teoria e estrutura. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.

OJIMA, R.; SILVA, R. B.; PEREIRA, Rafael H. M.. A Mobilidade Pendular na Definição das Cidades-Dormitório: caracterização sociodemográfica e novas territorialidades no contexto da urbanização brasileira. In:...V Encontro Nacional sobre Migrações. 15-17 de outubro de 2007, Campinas, Anais... Belo Horizonte: ABEP, 2007.

Observatório do Desenvolvimento Regional. Disponível em http://observadr.org.br/portal/

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Cadernos de LEPAARQ – Textos de Antropologia e Patrimônio. V. II, n°4. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2005.

_____. História, memória e centralidade urbana. Revista Mosaico, v.1, n.1, p. 3-12, jan./jun., 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5 n.10, 1992, p.200-212.

PORTA, Paula. Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil: diretrizes, linhas de ação e resultados: 2000/2010. Brasília, DF: Iphan/Monumenta, 2012.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Rafael W. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisa, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

SÁNCHEZ, Fernanda. Revista Sociologia Política. Curitiba 16, p. 31-49, 2001.

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método. Espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. Por uma outra Globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SEN, Amartya. As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

____. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVEIRA, Rogério, BRANDT, Grazielle. Desenvolvimento Urbano e Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais. Revista Redes v.22, n 1, 2007. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/8641/pdf

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, 2014.

SOUZA, Marcelo L. de. O que devemos entender por Desenvolvimento Urbano? De. In. O ABC do Desenvolvimento Urbano. Cap.6. p.93-102, 2005.

_____. ABC do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2008.

SCHNEIDER, Luiz Carlos. Rio Pardo: evolução urbana e patrimônio arquitetônico -urbanístico. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SHORT, Maria. Contexto e narrativa em fotografia. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SPOSITO, Maria E. B. (Org.). Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2006, p.111-130.

SPOSITO, Maria. Cidades médias e pequenas: As particularidades d urbanização brasileira. In: Cidades médias e pequenas: desafios e possibilidades do planejamento e gestão. Série estudos e pesquisas Nº 95. Salvador: SEI, 2014. (Série estudos). P.23-35

TELLES, Leandro Silva. Manual do Patrimônio Histórico. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Suo, Universidade de Caxias do Sul, Rio Pardo, Prefeitura Municipal, 1977. 123p.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais: ideias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa. Caderno de Pesquisa Ritter dos Reis. v.4, Nov. 2001. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

VOGT, Olgário P. Patrimônio cultural: um conceito em construção. MÉTIS: história e cultura, v. 7, n. 13, p. 13-31, jan./jun. 2008.

WINK, Ronaldo. Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista semiestruturada:

Nome:

Sexo:

Idade:

Mora em Vera Cruz atualmente ( ) sim ( ) não

Morou em Vera Cruz anteriormente? Em que período?

1. Onde mora/morava em Vera Cruz?
2. Como era o local em que morava? Tente me contar em detalhes as suas lembranças.
3. Hoje, como é o local onde mora (se ainda morar em Vera Cruz)? Tente descrever esse local hoje.
4. Quais os locais da cidade que você frequentava e quais desses ainda frequenta?
5. E o centro da cidade, como era antes e como está hoje? O que mudou no centro da cidade?
6. Por que você acha que essas mudanças aconteceram?
7. Como você avalia essas mudanças, são positivas ou negativas? Por quê?

7. Você sente saudades de como a cidade era antes? Por quê?

8. Sabendo da história que marcou a emancipação do município, você consegue se lembrar de algumas das antigas construções existentes? O que você consegue lembrar, tente me contar
9. Porque você acha que essas construções permanecem na suas lembranças?
10. Você acha que as construções antigas da cidade de Vera Cruz devem ser preservadas? Por quê?
11. Gostaria de saber qual a sua opinião sobre as transformações recentes que vem ocorrendo na paisagem urbana de Vera Cruz.
12. Ao que você relaciona as mudanças na paisagem do município?
13. Quem são as pessoas e ou instituições que vêm articulando estas mudanças? Com quais motivações você acha que eles realizam?

14. Como você enxerga a legislação municipal em relação à preservação do patrimônio construído?
15. Você considera que há uma relação entre as antigas construções e a memória e lembranças dos habitantes vera-cruzenses?
16. Como você imagina Vera Cruz no médio/longo prazo nos próximos dez anos? Em relação às construções antigas, em relação a novas construções, em relação à paisagem urbana da cidade?

APÊNDICE B
AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO DE ENTREVISTA E USO DE INFORMAÇÕES

Eu, _____, abaixo assinado(a), autorizo que a entrevista realizada pela mestranda Josiane da Silva, aluna do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), realizada no dia ___/___/2019, seja gravada em mídia eletrônica e posteriormente transcrita, para que sirva como material para análise a ser utilizado em seu Trabalho de Dissertação, que tratará da temática:Memória e desenvolvimento: um estudo das transformações da paisagem urbana na área central do município de Vera Cruz/RS, visto ser meio de confirmar a integridade das informações aqui prestadas, evitando que as mesmas sejam distorcidas e mantendo anonimato do(a) entrevistado(a) quando solicitado. Também autorizo a utilização das informações para posterior publicação de artigo acadêmico em congressos ou revistas científicas.

Fica acordado entre as partes que essas informações só poderão ser utilizadas na situação definida neste documento, cujo será assinado em duas vias, ficando proibido o uso para outro fim.

_____, ____ de_____de 2019.

_____
Assinatura da Pesquisadora

_____
Assinatura do(a) Entrevistado(a)
Representante do Projeto